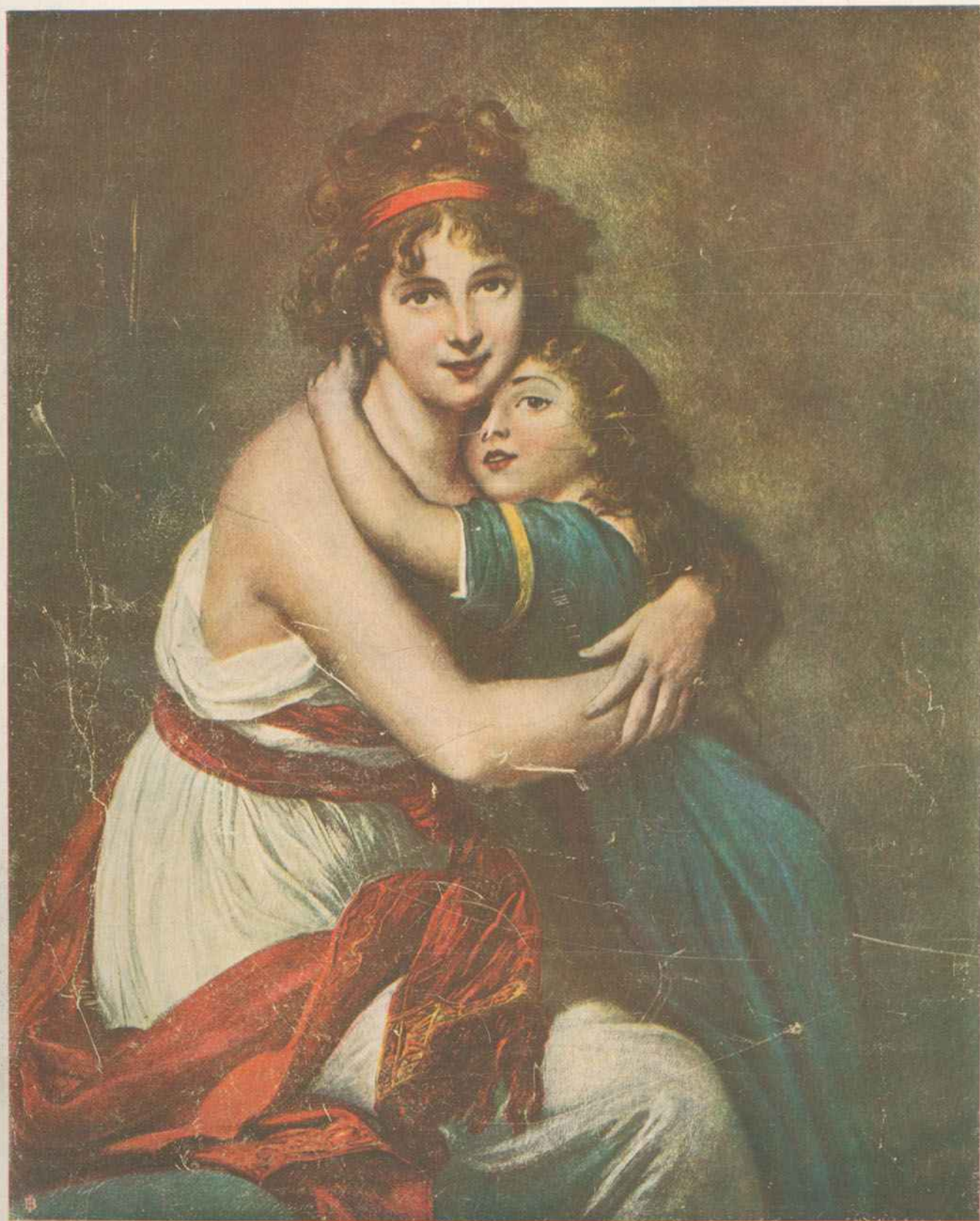
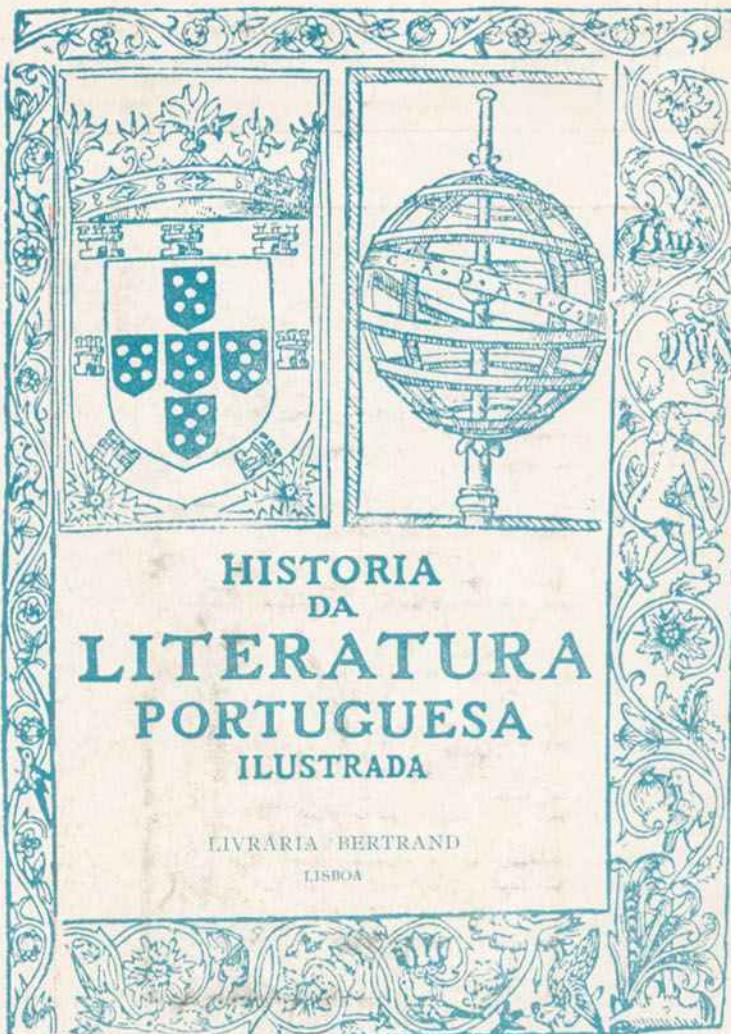


ILUSTRAÇÃO



MADAME LE BRUN E FILHA (QUADRO DE MADAME LE BRUN)



HISTORIA DA LITTERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA

LIVRARIA BERTRAND
LISBOA

A sair brevemente o XXXIII tomo

A MAIS BELA OBRA ATÉ HOJE

EDITADA EM PORTUGAL

PREÇOS INCLUINDO EMBALAGENS REFORÇADAS

CONTINENTE E ILHAS

Assinatura especial de cada número saído mensalmente e
pelo correio contra o reembolso (só para o continente
e ilhas) 11\$50

3 meses 6 meses 1 ano

Assinatura (pagamento adiantado) 30\$00 59\$00 118\$00

REGISTADO

ÁFRICA ORIENTAL, OCIDENTAL E ESPANHA 34\$50 67\$00 132\$00

ÍNDIA, MACAU E TIMOR 36\$00 79\$00 138\$00

ESTRANGEIRO 37\$00 72\$00 142\$00

Cada tomo-avulso, não incluindo porte e embalagem 10\$00

HISTÓRIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA

PUBLICADA SOB A DIRECÇÃO DE
ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO
Da Academia das Ciências de Lisboa

ALGUNS DOS PRINCIPAIS COLABORADORES

FONSECA LOPES VIEIRA, escritor.
FONSECA DE DORNELAS, da Academia das Ciências de Lisboa.
GOSTINHO DE CAMPOS, da Academia das Ciências, professor.
GOSTINHO FORTES, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
OLIVAR NEVES, escritor, Conservador da Biblioteca do Congresso da República.
ANTÓNIO BAIÃO, da Academia das Ciências, director do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.
AUGUSTO GIL, da Academia das Ciências, director geral das Belas Artes.
IRIO CAMACHO, escritor.
ARLOS MALHEIRO DIAS, da Academia das Ciências, escritor, director da História da Colonização do Brasil.
RISTOÃO AIRES, secretário geral da Academia das Ciências de Lisboa.
JOÃO DE CARVALHO, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA, da Academia das Ciências, director do Arquivo Histórico Militar.
JULIÃO GOMES, director interino da Biblioteca Nacional de Lisboa.
HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Escola de Belas Artes.
HENRIQUE DE VILHENA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, director do Instituto de Anatomia.
OLÓ DE BARROS, da Academia das Ciências de Lisboa, director geral da Instrução Primária, professor.
OLÓ DE ALMEIDA, da Academia das Ciências de Lisboa.
JOAQUIM DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras, director da Biblioteca e Administrador da Imprensa da Universidade de Coimbra.
JOAQUIM LEITÃO, da Academia das Ciências de Lisboa.
JORDÃO DE FREITAS, director da Biblioteca da Ajuda-Lisboa.
JOSE DE FIGUEIREDO, da Academia das Ciências, director do Museu Nacional de Arte Antiga.
JOSE JOAQUIM NUNES, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
JOSE LEITE DE VASCONCELOS, da Academia de Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, director do Museu Ethnológico.
JOSE MARIA DE OLIVEIRA STUBES, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo professor da Escola de Guerra.
JOSE MARIA RODRIGUES, da Academia das Ciências, professor de estudos canonicos na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
JULIO DANTAS, Presidente da Classe de Letras da Academia das Ciências, Inspector das Bibliotecas e Arquivos Nacionais, Director da Escola de Arte de Representar.
LUIZ XAVIER DA COSTA, da Academia das Ciências de Lisboa, Presidente da Associação dos Arqueólogos.
MANUEL DE OLIVEIRA RAMOS, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
MANUEL DA SILVA GALO, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo Secretário Geral da Universidade de Coimbra.
MARTINHO AUGUSTO DA FONSECA, da Academia das Ciências de Lisboa.
MOSES BENSARAT AMZALACK, da Academia das Ciências de Lisboa, professor do Instituto Superior do Comércio de Lisboa.
P. M. LARANJO CORREIO, da Academia das Ciências de Lisboa, Conservador do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Director da Secção de Diplomática da Associação dos Arqueólogos.
QUEIROZ VELOSO, da Academia das Ciências de Lisboa, Director da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
REINALDO DOS SANTOS, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.
RICARDO JORGE, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, Director Geral da Saúde Pública.
S. COSTA SANTOS, escritor.

EDIÇÃO MONUMENTAL

A HISTORIA ILUSTRADA DA LITTERATURA PORTUGUESA

(FORMATO 32x25)

EM TOMOS MENSAIS DE 32 PÁGINAS,
ÓTIMO PAPEL COUCHÉ,
MAGNIFICAMENTE ILUSTRADOS

E CONTERÁ

biografias completas, retratos, vistas, costumes, monumentos, rostos de edições raras, manuscritos, miniaturas e fac-similes de autógrafos, em soberbas gravuras, algumas das quais HORS TEXTE, a cores.

CONSTITUINDO

um precioso album em que pela primeira vez, entre nós, se reúne uma tão completa e curiosissima documentação gráfica.

ARTIGOS DE ESPECIALIZADOS PROFESSORES E LITERATOS DE NOME CONSAGRADO

CADA TOMO 10\$00

Allenburys'

Alimento Lacteo



MÃES!
PEÇAM HOJE MESMO
O NOSSO FOLHETO
GRATIS.



Principie com Allenburys N° 1.
(Alimento lacteo).

Três meses depois dê-lhe
Allenburys N° 2. (Alimento
lacteo).

Ao fim de 6 meses, mude
para Allenburys N° 3. (Ali-
mento maltado).

Desta forma dará ao seu bebé
o alimento que a Sciencia
classifica de mais eficaz para
alternar com o leite materno.

A Amamentação com os Ali-
mentos "Allenburys".

ALLEN & HANBURY Ltd., LONDON
Agentes Exclusivos: Coll Taylor Ltda, Rua dos Douradores 29, 1ª, Lisboa

Economia doméstica

MANEIRA DE CONSERVAR A MANTEIGA

A manteiga pode ser conservada fresca, durante mais de seis meses, lavando-a cuidadosamente, deixando-a secar envolvida em panos e guardando-a, finalmente, em potes de barro, tendo-se o cuidado de não deixar nenhum vácuo na massa.

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand, Ltd.^a

Editor: Francisco Amaro

Composto e impresso na tipografia da Sociedade Gráfica Editorial, Rua da Alegria, 30 — Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular.	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada).	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português.	—	64\$50	129\$00
(Registada).	—	66\$00	130\$00
Espanha e suas colonias.	—	63\$00	126\$00
(Registada).	—	65\$00	130\$00
Brasil.	—	66\$00	132\$00
(Registada).	—	75\$00	150\$00
Outros países.	—	75\$00	150\$00
(Registada).	—	84\$00	168\$00

Administração — Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa

Visado pela Comissão de Censura



CASA AFRICANA

LISBOA

PORTO

SEMPRE EM EXPOSIÇÃO
as ultimas novidades em tecidos de
SEDAS — LÃS — ALGODÕES

Os mais chics modelos de confecções
para senhoras e crianças

ALFAIATARIA E CAMISARIA PARA HOMENS

O

Verdadeiro Acolhimento

completa-se, oferecendo-se uma bebida
agradável e que possua renome universal.
A mesa de chá tornar-se-ha mais convida-
tiva, mais distinta, se a qualidade for



CHÁ HORNIMAN

Sómente em pacotes
de 14—50—125 e 250 gramas.



Novidade Sensacional
Com o PENTE ONDULADOR transforme os seus cabelos lisos em naturalmente ondulados para toda a vida !

Duma maneira geral procedese da seguinte forma : Lavam-se os cabelos e secam-se pouco depois de desembaralhados com um pente apropriado (desembaralhador), penteam-se com a cabeça ainda húmida, com o PENTE ONDULADOR, de forma que as ondas do cabelo sejam dirigidas para o exterior. Fazem-se então os cabelos secar a 130°C e assim se obtém uma linda ondulação para sempre.

PEIGNE ONDULATEUR
ACADEMIA SCIENTIFICA
DE BELEZA
M.º CAMPOS
Ar. da Liberdade, 35 — Lisboa

Preço Esc. 15\$00

Contos, Novelas e Romances

Amor e o Tempo (O) por Dr. Augusto de Castro	15\$00	Homem dos Dois Corações (O) por Rocha Martins	3\$00
Art.º 438.º (O) por D. Carmen de Burgos, tradu- ção de Lopes de Sousa	3\$00	Matou por Amor (A que) por D. Emilia de Sousa Costa	3\$00
Cinco Mil Francos por Mês por Reinaldo Ferreira	3\$00	Minha Mulher por W. Fernandes Flores	3\$00
Colecção "Diário de Notícias" por diversos autores	7\$50	Mort de D. Juan (La) por Paulo Osório	8\$00
Drama na Sombra (O) por Ferreira de Castro	3\$00	Noite de Núpcias por Lourenço Cayola	3\$00
Ele e Eu por Augusto Pinto	5\$00	Ruínas por D. Helena de Aragão	8\$00
Fumo dos Casais por D. Maria da Nobrega	10\$00	Sombras e Claridades por D. Helena de Aragão	8\$00
		Veneno do Sol (O) por D. Fernanda de Castro	10\$00

**À venda na filial do DIÁRIO DE NOTÍCIAS
LARGO DE TRINDADE COELHO, 10 e 11**

Estoril-Termas

**ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
E FISIOTERÁPICO DO ESTORIL**

■ ■ ■

**Banhos de água fermal,
Banhos de água do mar
quentes, BANHOS CAR-
BO-GASOSOS, Duches,
Irrigações, Pulveri-
sações, etc. — — — — —**

**FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens. — — — — —**

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72

COLECÇÃO FAMILIAR

VOLUME
BROCHADO
Esc. 7\$00

P. B.

VOLUME
ENCADERNADO
Esc. 12\$00

Romances morais proprios para senhoras e meninas

Esta colecção, especialmente destinada a senhoras e a meninas, vem preencher uma lacuna há muito sentida no nosso meio literário.

Nela serão incluídas somente obras que, embora se esteiem na fantasia e despertem pelo entrecio romântico sugestivo interesse, oferecem também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrifício, de grandeza de alma, de tudo quanto, numa palavra, deve germinar no espirito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade, ataviando-a de encantos e de seducções, quer, desabrochada em flôr após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãe de família, educadora de filhos e escriptorio de virtudes conjugais.

VOLUMES PUBLICADOS:

M. MARYAN

Caminhos da Vida. Em Volta dum Testamento. Pequena Rainha. Dívida de Honra. Casa de Família. Entre Espinhos e Flôres. A Estátua Velada. O Grito da Consciência. Romance de uma herdeira. Pedras Vivas.

VOLUMES NO PRELO:

Casa sem Porta. A Pupila do Coronel.

PEDIDOS A S. E. PORTUGAL-BRASIL

Rua da Condessa, 80 — LISBOA

ESTÁ À VENDA O

Almanach Bertrand

Fundado por Fernandes Costa e coordenado por D. Maria Fernandes Costa

UNICO NO SEU GENERO EM PORTUGAL

A mais antiga e de maior tiragem de todas as publicações em lingua portuguesa — RECREATIVO, AMENO, INSTRUTIVO — Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros — Passatempo e Enciclopédia de conhecimentos úteis, colaboração astronómica e matematica muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos.

Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 452 gravuras, cartonado **10\$00**
 Encadernado luxuosamente **18\$00**

33.º — ANO — 1932**À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS**

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Manuel de Sousa Pinto**RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO****CARICATURISTAS**

DESENHOS ESCOLHIDOS

POR

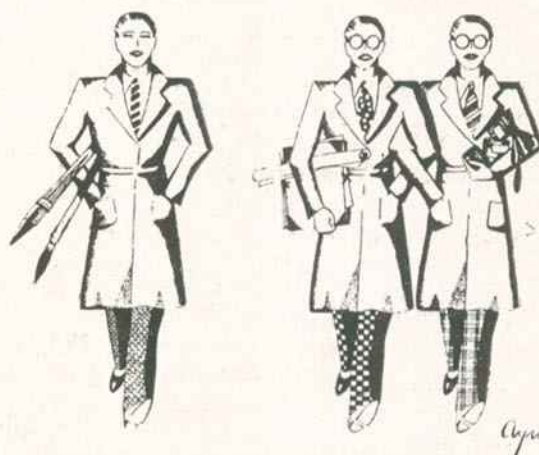
**MANUEL GUSTAVO
 BORDALLO PINHEIRO**

1 vol. fol. Edição de luxo,
 com 90 grandes ilustrações
 de Bordallo Pinheiro, reproduzidas pela photogravura,
 além d'outras inseridas no
 texto. Impressão a preto e
 cores sobre papel couché.

Cart. 40\$00; br. 30\$00

PEDIDOS A

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

GRAVADORE/**IMPRESSORES**

TELEFONE

2 1368

BERTRAND
IRMÃOS, L. DA
TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 — LISBOA



GRACA E ESBELTEZA

Elegância e harmonia dos movimentos
Frescura e macieza da epiderme
Encanto e vigor da juventude
É o sonho de toda a mulher moderna
que ela realiza sem
tratamento fasti-
dioso, sem incomodo,
sem perda de tempo,
com asseio e com
pouca despeza por

" SUDOREX "

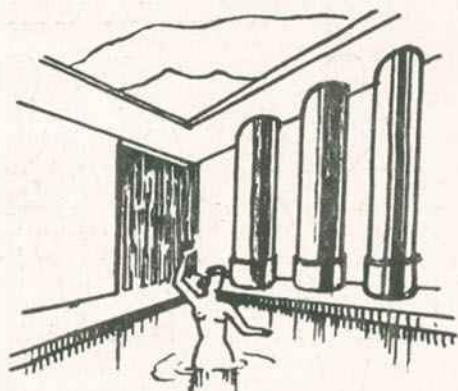
" SUDOREX "

aparelho portatil de
BANHOS DE VA-
POR EM CASA

será para as senhoras
o complemento indis-
pensavel da sua cura
de beleza. Desemba-
raçando-as de gordu-
ra inutil, suprimirá to-
das as indisposições.

ABSOLUTAMENTE INFALIVEL EM
TODOS OS CASOS DE OBESIDADE

Reumatismos, artritis, gôta, sciatica, nevralgias, rins, figado, intestinos, etc.



MÉTODO
das
BELEZAS
ANTIGAS

THERMAS



MÉTODO
das
ELEGANTES
MODERNAS

SUDOREX

A VENDA
em todas as FARMACIAS E
GRANDES ARMAZENS

SUDOREX

102 Rue de La Boétie - PARIS (8)

Brochura n.º 507 gratis por pedidos

SUDOREX BANHOS
DE VAPOR

REDACÇÃO E
ADMINISTRA-
ÇÃO: RUA AN-
CHIETA, 31, 1.º
TELEFONE:—
20535

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

PROPRIEDA-
DE DA LI-
VRARIA
BERTRAND,
LTD.ª, RUA
GARRETT 73
E 75—LISBOA

N.º 1—7.º ANO

1—JANEIRO—1932



«VENHAM A MIM OS PEQUENINOS...» (Quadro de Constantino Fernandes)

Crónica da Quinzena

JUIZO DO ANO

SABE-SE o que foi o ano que acabou; só conjecturas são possíveis sobre o que será o ano que principia. Não é que os fenómenos sociais se produzam arbitrariamente, e que na sua sucessão, bem como na sua simultaneidade, não haja aquela necessidade lógica, necessidade histórica, no caso de que nos ocupamos, que liga um facto ao seu antecedente necessário, e torna possível a previsão das suas consequências próximas ou remotas, adentro de certos limites.

Como os fenómenos da Natureza, os fenómenos sociais, duma extrema complexidade, são condicionados, obedecem à bem estabelecida lei do determinismo científico. Não é a sociologia uma ciência de previsão; mas já muitos dos fenómenos que são do seu domínio são previstos a grande distância, no tempo, com menos precisão que nos domínios da Astronomia, em que as previsões são numerosas, e se realizam com rigor quasi matemático.

Um ano é uma unidade de tempo insignificante na vida dum homem, podendo considerar-se uma quantidade desprezível na vida duma Nação. Raros são os sucessos de importância que, dentro de tão curto período, se iniciam e desenvolvem, chegando às suas últimas consequências, acontecendo com os grandes fenómenos sociais, os que marcam ciclos na evolução das Sociedades, o que acontece com certas estrelas, cuja luz ainda ilumina a milhares ou milhões de quilómetros de distância, já elas se apagaram ou morreram — pois que os astros também morrem.

Entre os factores valiosos da Revolução Francesa aponta-se o movimento communal do século XI, sendo as comunas associações de defesa contra as violências e as exações dos senhores feudais. Os reis favoreceram essas Associações, enquanto não se avisaram de que elas não atacavam os privilégios escandalosos dos seus vassallos para melhor garantirem o poder real, mas tão somente para fazerem respeitar os seus direitos legítimos e os seus legítimos interesses. Assim que viram diminuídos até ao ponto de lhes não meterem medo, os terríveis senhores feudais, voltaram-se contra as comunas, eliminando umas, reduzindo as franquias de todas até lhes darem o golpe de Misericórdia.

No seu belo livro — *A unidade do mundo* — Guilherme Ferrero diz que um escritor chinês, de nome Ku-Hung-Ming, sustenta com muito engenho que a China teve uma influência decisiva sobre a revolução francesa — a velha China confuciana — uma influência altamente filosófica, merecedora da qual a concepção mística

que os franceses dos fins do século XVIII tinham da Sociedade e do Estado se convertem numa concepção nacionalista, dando lugar a que se fundasse uma Sociedade organizada e regida pela razão.

Veio tudo isto para dizermos que os fenómenos sociais, condicionados como os chamados fenómenos da Natureza, infinitamente mais complexos do que eles quanto às causas que os produzem, e quanto às circunstâncias em que se manifestam ou podem manifestar as suas consequências, induzem facilmente em erro, quando se trata duma previsão a curta distância, sendo impossível prever os seus resultados definitivos, quando se trata de factos marcantes, porque os envolve uma bruma espessa, ensombrando o futuro longínquo.

De todas as questões que deixou pendentes o ano que acabou, quantas e quais serão resolvidas no decurso do ano que principia?

Há guerra entre o Japão e a China, guerra que não foi declarada nos termos consagrados do direito internacional, mas que nem por isso é menos guerra, porque lhe não faltam as respectivas características. A filarmónica de Genebra, não podendo furtar-se a ouvir tiros na Mandchúria, e não lhe chegando a coragem para os atribuir a exercícios de fogo por um destacamento misto, já fez o que podia fazer para que cessasse aquele escândalo, aquela violação flagrante e criminosa de pactos adoptados para que os conflitos entre Nações se resolvessem sem o recurso às armas, isto é, sem guerra, transigindo os litigantes como lódr de justiça.

O que fez então a filarmónica de Genebra?

Fêz discursos solenes em sessões secretas; deu conselhos ao Japão e à China e nomeou uma comissão encarregada de verificar se os boatos correntes sobre o que se passa no extremo oriente correspondem a alguma realidade, ou são mero entretenimento de gente invencioneira.

Foi de menos passividade a atitude da Sociedade das Nações quando do conflito entre a Itália e a Grécia, isto é entre duas Nações, uma das quais se pode considerar poderosa e a outra é fraca como um tísico. A Sociedade resolveu logo em favor do forte e o mesmo faria agora, se o Japão, como potência militar, tivesse a equivalência da Grécia e a China fôsse o que realmente é — uma Nação de quatrocentos milhões de habitantes, não tendo organizada, mas podendo organizar o maior exército do mundo.

Fica-se sabendo que a filarmónica de Genebra é uma garantia de paz... quando ninguém desencana a guerra, valendo como

uma viola num enterro quando dois preopinantes de força se metem a jogar as cristas.

Não se diga que sem a Sociedade das Nações já o conflito chino-japonês teria degenerado numa guerra generalizada, envolvendo porventura todas as grandes potências dos continentes asiático e europeu.

Histórias da Carochinha!

O que mantém circunscrito o conflito ao terreno mandchú, é o sistema de relações económicas das Nações que nele poderiam intervir. Por ora os interesses materiais dessas Nações não se vêem comprometidos, e apenas se reconhecem vagamente ameaçados no futuro. No dia, próximo ou remoto, em que essa ameaça tomar corpo, prestes a efectivar-se, elas intervirão sem licença de Genebra, desafinada charanga que não vale a milésima parte do que custa.

Mas pode ser que o debate não se generalise, resignando-se a China a ficar sem a Mandchúria, ali instalados definitivamente os japoneses, com o que muito teria a lucrar a causa da civilização oriental.

Não há, presentemente, na Europa, pode dizer-se, uma só Nação que tenha vida normal, umas aflitas com a crise do desemprego, outras aflitas com a crise financeira, mais difícil de resolver.

A Espanha, que vinha a debater-se, há longos anos, numa grave crise política, dela saiu galhardamente proclamando a República.

Foi a propósito da revolução espanhola de 68 que Vítor Hugo disse: — *Dentro de vinte anos não haverá tronos na Europa.*

Dai a nada, abdicando o seu rei de empréstimo, o príncipe Amadeu, a Espanha fazia a sua primeira República, que durou pouco mais que o espaço duma manhã, como as rosas do outono.

Lutas políticas entre República e Monarquia?

Não; isso passou à História.

Quanto a nós... Um juízo do ano não é possível a respeito dum país que não tem juízo. O Borda de Agua, como o Ecclesiastes, era muito sábio, e tendo devassado com o olhar todos os escaninhos da terra e toda a profundidade dos astros, rematava sempre assim os seus juízos do ano: — *Deus super omnia.*

Pois seja o que Deus quiser.

Brito Camacho

Há na história do mundo mui tristes destinos. Homens dos mais extraordinários foram grandes na história e no infortúnio. Fazer resenha deles é tarefa de almanaque, que não é a nossa, mas andam na boca de todos os nomes de tão grandes infelizes, a quem o gênio artístico ou literário tornou dignos de pedir à vida todas as recompensas, — e da vida só tiveram ultrajes e crueldades.

Em geral, porém, estes homens extraordinários, de estatura mental acima do vulgar, não têm, em sua crônica, nem um relâmpago de ventura. A sua vida terrena é uniformemente desventurosa. A sorte não lhes sorri, a glória é madrasta desde que veem à luz do mundo até que os olhos se lhes cerram, fartos ou doloridos, para todo o sempre.

Só a posteridade lhes fará justiça; só depois que a sua carcassa apodreça no seio da terra os outros homens lhes darão, em celebridade, em homenagens ou em cultos, aquele carinho que sempre lhes negaram em vida.

A par, porém, destas vidas tristes há na história outras vidas trágicas, de trágicos destinos. Quicá estes ainda mais dolorosos. São aqueles para quem foi extremada a crueza da fatalidade, aqueles a quem a vida mostrou amplamente todo o paraíso da felicidade, a quem a vida, num momento, deu tudo, doirou de luz, brindou benesses e honras, para logo os precipitar no pélagos, encarnicando-se na sua desgraça, cumulando-os de trágicas desventuras, destruindo-os friamente, aniquilando-os, mergulhando-os nas maiores misérias num requinte de mais espantosa crueldade. É este o caso doloroso de Joaquim Murat, que foi rei de Nápoles, que foi feliz e grande um fugaz momento e cuja estrela se afundou na mais triste e confrangedora das desgraças, soprada pelo vendaval do destino cruel, levada nas asas da sua ambição sem limites, desvairada, louca.

A sua vida romântica, de grande aventureiro, merece ser recordada. É um protagonista de novela, mas de uma novela que a imaginação humana não inventaria facilmente. Só o destino, todo-poderoso, conseguiria encadear tão caprichosamente os quadros vertiginosos de renda, de luz e sombras que foi a vida duma das figuras mais espetaculosas da história moderna.

Joaquim Murat era filho de um estalajadeiro de Bastide-Fortunière. Vida humilde, a coberto de necessidades grandes, mas de uma mediocridade aflitiva, monótona como as grandes planícies que circundam a pequena povoação. O pai estalajadeiro, honrado homem, sonha com o futuro brilhante do filho;

OS TRISTES DESTINOS

O ocaso romântico de Joaquim Murat, Rei de Nápoles

e rapaz será padre, terá essa vida folgada e pascária do abade de aldeia rica. Aprenderá latim e lambuzadelas de moral. Para isso, entra Joaquim no colégio de Cahors, onde se preparam os ministros de Deus na Terra. Mas a sua imaginação é ardente e desvairada e a inteligência não o ajuda. Joaquim Murat não consegue amassar um cabedal de cul-

sorte, foge ao castigo e volta à casa paterna. O estalajadeiro é pobre. O filho terá que endossar o avental da profissão. Não há mais remédio.

Vão decorrendo os primeiros pródomos da grande Revolução Francesa. Há, no ar, caldeado, prenúncios de catástrofe, brumas de aventura. O rio de sangue e desvario vai brotar. Joaquim Murat desaparece para se lançar, anonimamente, no vórtice. Não tem talentos, nem inteligência, nem instrução; mas a sua ambição é infinita e é, por organização, um aventureiro de uma audácia sem parelhas. De resto, a enxurrada vai propícia para os pescadores audaciosos. E Murat é valente... muito valente. Da valentia faz ofício. E entre os valentes, Murat escolhe o campo. Dum lado estão os heróis, os puros, Hoche, Fichegru, no campo republicano; La Rochejaquelein e Cadoudal na Vendéia realista; do outro estarão os que da valentia querem tirar proventos, os que não têm ideal além da própria ambição material.

Aqui, deste lado, virão a estar Napoleão e os seus marechais. Para este caminho orienta Murat os seus passos.

O antigo mogo de hospedaria, o seminarista renegado, o soldado desordeiro, não olha a meios para alcançar seus fins. Uma mulher o ajudará. O garboso aventureiro seduz a louca Carolina Bonaparte, irmã do homem prodigioso que começa a amedrontar a França e logo virá a espantar o mundo.

Quando Napoleão Bonaparte é proclamado primeiro cônsul, Murat casa com Carolina. Ao Côrso convém este matrimônio. Sonhando já com a coroa de França e depois com a coroa do Império do Mundo, ambicioso de carnagem, de glória e de conquista, necessitava de uma malta de adeptos que fôsem como que os seus cães de fila, a sua matilha incondicional.

Murat era o que tinha os colmillos mais afiados, o que melhor morderia, chegada a ocasião. Os bra-

ços morenos de Carolina Bonaparte seriam os elos da cadeia que aprisionaria o molosso.

Joaquim Murat, que tinha pedido o regresso no exército durante a Revolução, rapidamente alcançou o posto de comandante. No 13 Vindimário ajuda Bonaparte. É o primeiro cônsul faz-se imperador, começa a sua ascensão gloriosa, compondo e desbaratando reinos e principados, nomeando majestades e altezas os seus parentes e amigos. A estrela de Napoleão brilha cada vez mais alto. Carolina, deslumbrada, lembra-se que é irmã do astro-rei.

Então, na tómbola de cordões sai a de Espanha a Joaquim Murat. Mas esta conquista



JOAQUIM MURAT, MARCHEAL DE FRANÇA, QUE FOI REI DE NÁPOLES (reprodução de um quadro da época)

tura suficiente para se ocupar do sagrado ministério e, cansado de reprimendas, evade-se do seminário. O pai acode em procura dele à cidade próxima. Mas já encontra o clérigo fracassado metido em novas andanças aventureiras. O filho do estalajadeiro sentara praça num regimento de dragões.

O novo soldado mostra-se ágil para a cavalaria e decidido para o ofício das armas. Mas é falho de princípios morais, amigo de rixas e de pendências, valentão mas provocador.

Em breve se torna notado pelo negrejar da sua folha de castigos. E um belo dia há um delito de insubordinação. O culpado principal é Joaquim Murat, e, protegido pela

é ilusória. Murat viola tratados e palavras de honra, conquista, arraza, inunda a Monclar de sangue na noite de 3 de Maio, prende a família real espanhola em Bayona, mas fá-lo com tal brutalidade que o imperador teme a sua ousadia demasiada e entrega a coroa espanhola ao seu irmão, José Bonaparte.

Carolina, em Paris, chora de despeito e Joaquim ameaça o cunhado de deixar o seu exército. Carolina quer ser rainha. Napoleão oferece-lhes, então, o trono de Nápoles, que anteriormente pertencera a José Bonaparte, transferido para Espanha.

Murat já não é um simples cidadão. Passara, sucessivamente, a general da República, depois a Marechal de França, depois a Grão-Duque de Berg. O moço de estalagem já tem tratamento de Alteza Imperial, mas não hesita. Passa a ser Sua Magestade Joaquim I, Rei de Nápoles. E ao culminar a sua glória, começa a trajectória descendente do seu triste destino. A ambição desvairou-o. Julga-se, não um rei do acaso, da sorte, mas um monarca por direito divino, coroado pela mão de Deus. Exacerba-se a loucura mansa da ostentação que sempre o minara. Tivera sempre a monomania da elegância e da ostentação.

Agora, rei, apresenta-se ante os súbditos adornado dos mais sumptuosos brocados, das mais ricas sedas. Não dorme, com o temor de perder o reino. Napoleão manda-o à Rússia, mas Murat abandona o exército nas neves assassinas e volta a Nápoles para defender o seu trono, pactuando, para isso, com os inimigos do seu bemfeitor.

Quando Napoleão volta a França, do seu desterro da ilha de Elba, Murat oferece-lhe de novo a sua espada, mas o imperador repele-o. O intrigante foi rei seis anos mas vai deixar de o ser. Waterloo permite à Europa voltar à normalidade. A França volta para dentro das suas fronteiras primitivas e os reis legítimos aos seus tronos. Joaquim I volta a ser o Grão-Duque de Berg. Mas o seminarista de Cahors não se resigna e, em 8 de Outubro de 1815, com três navios comandados pelo almirante Barbara, chega às costas da Calábria. Tripulando as canoas de



NAPOLEÃO COM OS FILHOS DE MURAT E DA RAINHA HORTÊNSIA (reprodução de um quadro da época)

bordo, desembarca em Pizzo, à frente de trinta homens. Os pescadores da terra aproximam-se, curiosos. O pretendente vem flamante.

Alexandre Dumas descreve-o:

«Trazia uma casaca azul bordada a ouro na gola, no peito, nos bolsos; calça branca de cachemira e um chapéu bordado como a casaca, guarnecido de plumas e com uma fivela de quatorze diamantes...»

Ao primeiro pescador disse Murat, soberbo:

— Tens a sorte de ser o primeiro a gritar: «Viva Joaquim I!»

Mas só a escolta de Murat lhe responde. O povo não o quer, não o tolerará. E o povo cresce para ele. Murat pensa na retirada, mas ao volver os olhos ao mar vê que a esquadra se perde no horizonte. Bárbara atraçoara-o, fuge com o dinheiro destinado à expedição guerreira! É o destino. Também Murat atraçoara o Grande Córso, abandonara os soldados do Império nas estepas russas...

O povo cresce, ameaçador, e a escolta foge

para as canoas. Murat, fugindo também, tropeça na arca, cai, fica nas mãos da turba, que lhe rasga os vestidos, que lhe rasga as carnes e o entrega, sujo, ridículo, trágico fantoche, ao governador da praça.

O rei Fernando vai decidir da sua sorte.

Murat recobrou a sua fleugma. Pede um alfaiate bom e um banho perfumado. Só se preocupa pelo conforto, pela aparência de luxo que necessita dar até aos últimos momentos. Mas não há alfaiate capaz na terra e todos os perfumes da única perfumaria da localidade não são bastantes para o banho pedido. Joaquim Murat insiste. Mas chegara, neste momento, notícias de Nápoles. O rei Fernando convocou o conselho de guerra num documento sinistro, que diz:

Artigo 1.º—O general Murat será julgado por um tribunal militar.

Artigo 2.º—Não se concederá ao réu mais de meia hora para receber os auxílios da religião.

O documento já inclue a sentença. Murat protesta, altivo: «Só comparecerei ante um tribunal de reis, que são meus iguais...»

Mas chega o momento de morrer. E ressurgue o homem valente. Na tarde de 13 de Outubro de 1815, Murat beija o retrato de sua esposa que tem no esmalte do relógio e serenamente dá a voz de pelotão ao pelotão que lhe aponta as espingardas. Mas as pontarias tremem e as balas apenas o ferem. E Murat, sem estremeer, dá voz de fogo pela segunda vez. E cai, então, este homem de tão triste destino.

Uma testemunha da cena, prêsso na fortaleza, diz da execução: «O vento era norte; o mar estava alvoroçado e o céu triste. Os presos disputavam raivosamente a única janela por onde podiam ver matar um rei...»

Vida de aventuras, de loucura, de valentia, cortada cerce pela garra trágica do Destino.

João de Sousa Fonseca.

NÁPOLES, A CIDADE ONDE REINOI JOAQUIM MURAT



Na Rússia Soviética

O que um engenheiro conseguiu vêr e ouvir e que tantos desejam ocultar...

Poucos, muito poucos mesmo, têm sido aqueles que, ao regressarem de uma viagem à República dos Soviéticos, pudessem com consciência dizer que levantaram, um pouquinho sequer, o véu de mistério que pesa sobre coisas e homens da Rússia de hoje, e a quem seja lícito poder afirmar com consciência, até com orgulho, que conseguiram olhar um pouco para trás dos bastidores do Estado soviético.

Ilustração oferece hoje aos seus leitores uma série de flagrantes e sensacionais «instantâneos» da vida russa, que, além do interesse que vão suscitar, apresentam ainda o incontestável valor de serem devidas à pena de alguém que entrou na Rússia em 1930, não como simples turista, ou como repórter profissional...

Johann Philipp, engenheiro alemão, viveu durante meses na U. R. S. S. contratado pelos próprios soviéticos para os trabalhos industriais que faziam parte do célebre «Plano dos Cinco Anos». Viu e ouviu, portanto, não só aquilo que o Estado russo permite ver e se esforça por proporcionar aos olhares indiscretos dos estrangeiros... Viu e ouviu, muito mais!

O interessante relato de Philipp é um documentário vivo, cinematográfico quase, que não só interessa pela sua oportunidade como revolucionária pelas suas sensacionais revelações. A tão apregoada doutrina soviética cai pela base, e logo nos aparece esse tipo estranho, em cuja existência nos custaria acreditar, mas que existe, e que é o «burguês soviético»!

Ilustração publica hoje nas suas colunas o primeiro dos artigos dessa interessante série.

Foi em Fevereiro de 1930. Todos os que sabiam, ou ouviam, da minha projectada viagem à Rússia, olhavam-me assim com estranheza, incrédulos, e muitos deles perguntavam-me a medo:

— Sempre é verdade ir à Rússia?...

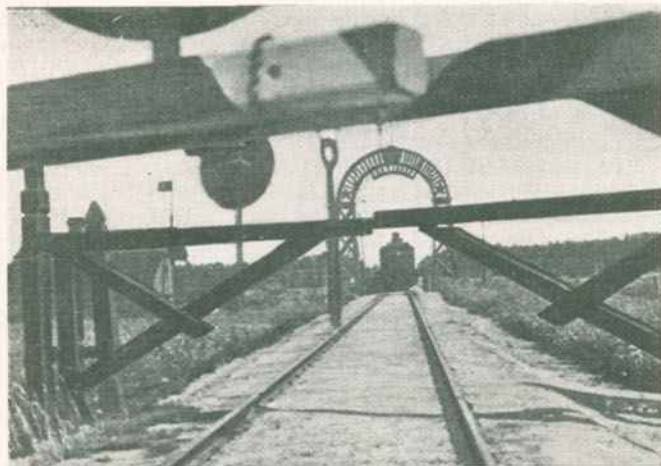
Tive a impressão que toda essa gente pensava que eu ia, direitinho, para o país dos canibais...

Mas esse temor, essa compaixão, dos meus semelhantes, que me acompanharam à estação, assim, pouco mais ou menos, como um dia me hão-de levar ao cemitério, não conseguiu diminuir o enorme interesse que, desde o primeiro momento, sentira nascer em mim por aquela viagem para o além... soviético.

— Sim, senhor, vou para a Rússia! — respondi, invariavelmente.

E para lá fui, e de lá voltei ao cabo de um ano. Ao princípio, durante alguns meses, empregado por uma empresa alemã que obtivera na Rússia uma concessão e que, portanto, podia efectuar, por conta própria, fornecimentos ao Estado. Mas, pouco depois, era o próprio Estado soviético que vinha atrás de mim e, depressa, me tornei uma pequena roda no meio da enorme engrenagem do plano quinquenal.

Assim, posso dizer que trabalhei durante um ano na Rússia de olhos bem abertos, e que transitei, de uma autoridade para outra, não como turista convidado para vêr. Vou por isso escrever acerca daquele país, não aquilo que para aí se



A ENTRADA DA FRONTEIRA SOVIÉTICA. ABREM-SE AS ENORMES CANCELAS DANDO PASSAGEM AO COMBÓIO... TODAS AS ENTRADAS DAS FRONTEIRAS RUSSAS — OSENTAM, ÚLTIMAMENTE, DECORAÇÕES POR MEIO DE GRANDES ARCOS ALÉGÓRICOS EM MADEIRA

tem escrito e que, na maioria dos casos, se deve às penas entusiasmasdas de vários convidados do Estado soviético, que, na verdade, e quando lhe convém, sabe ser hospitaleiro e cortez...

Também quero explicar que não vou descrever a Rússia, nem vou julgar, nem dar leis... Limite-me, simplesmente, a um corte transversal, a cenas isoladas mas reais... Pedacos tirados da vida de todos os dias e aquilo que, nessas ocasiões, vi, soube e ouvi.

A minha partida foi num dia 13... e na minha companhia viajava Karl, o gordo, por alcunha e gordo na verdade, que já estivera com os soviéticos e que viera buscar material. Entre esse material levava, também, uma tal quantidade de papel para escrever, tinta e lápis, que me admirei... Explicou-me que assim era preciso, porque na Rússia tudo aquilo eram *objectos de luxo*... Não acreditei, sonhando com um paraíso em que nós, europeus, não queríamos crer. Só mais tarde, no mais fundo da Rússia, quando me vi obrigado a dissolver num copo com água o meu lápis-tinta para poder elaborar um relatório importante, é que eu me lembrei das profecias do gordo!

Ao cabo de três dias de viagem, passámos a fronteira russa. Primeira *desilusão*... Pensara inocentemente que o Estado proletário banira a diferença de classes, mas lá fui encontrar, exactamente como na minha terra, três classes: a primeira, bem almofadada; a segunda, regularmente cómoda, e a terceira de «suma-a-pau»: o vagão para todos.

Na primeira sentam-se, naturalmente, as pessoas finas: os estrangeiros, os inúmeros agentes da G. P. U. (policia secreta), e depois... a burguesia soviética.

Burguesia? Haverá disto na Rússia actual?

Há, sim senhor, e à prova de todas as intempéries... Parece-me que, se a maioria dos operários não instruídos ganha por mês entre sessenta a setenta rublos, e se, no reverso da medalha, se pagam ordenados que chegam a mil rublos por mês — a russos, está claro, e não a estrangeiros — parece-me que me darão licença de me referir aqui a uma *burguesia*. Nessa classe se agrupam os *bem pagos*, e — já agora porque não dizer a verdade? — os privilegiados.

Directores vermelhos, funcionários de di-



DURANTE UMA PAUSA DA JORNADA EM BUSCA DE TRABALHO... CAMPONESES RUSSOS BEBEM CHÁ E COMEM PÃO

ferentes partidos em número assustador e os familiares dos comunistas... contam-se aos milhares! Mesmo o soldado comunista, não faz cerimônia, e compartilha a fôfa superfície de assento destinada a todos aqueles que se encontram nas boas graças do Estado.

Na segunda classe viaja-se sempre que se tenham conseguido certas *senhas de lotação*, papelinhos estes destinados a uma classe mais fina do proletariado. Nela se agrupam inúmeros angariadores de empreitadas, chefes de oficinas, técnicos e, por vezes, alguns particulares que se podem dar a esse luxo.

Os vagões *para todos*, como em todo o mundo, nem têm almofadados, nem senhas de lotação. São para o resto, e rolam sobre a estrada férrea, invariavelmente cheios e a trasbordar. No seu interior amontoam-se, deitados, acorados, de pé — conforme calha! — os não privilegiados.

Entrei num vagão desses, uma vez... Viajei nele durante o percurso que distanciava três estações... Jurei para nunca mais! Apesar de ter ficado em pé, bamboleavam-me, não sei como, dois pés imundos em frente do nariz... O dono desses pés encafuara-se milagrosamente na rede, mas os pés... Enfim, o pobre diabo em alguma parte os havia de meter!

As bichas nas bilheteiras são compridíssimas. Quem não tiver uma ordem especial (*Kommandirovka*) viaja em terceira; e até que numa dessas terças haja uma vaga!...

Também a velocidade dos comboios na Rússia é uma espécie de sofisma. De Swerdlowsk até Wernhe Salda — cento e oitenta quilômetros — marca o horário dezoito horas, que, na realidade, se tornam no dobro. Em Janeiro, o *correio da Sibéria*, denominado *expresso*, chegou com sessenta horas de atraso.

Ouví assim, e repetidas vezes, comentários desta natureza:

— Oh avózinha, entre, que tem lugar!

— Obrigada, obrigada! Vou a pé, que não tenho tempo a perder...

Ou, então:

— O carvão é mau, mas a locomotiva ainda é pior... Muito pior do que um velho *samowar*!

A luz triste de duas velas que iluminam o compartimento, conversa-se muito. Como novato, admiro-me do pessimismo geral, que leva até comunistas, com por cento dedicados à sua causa, a encolher os ombros.

Como estrangeiro, tenho que responder a inúmeras perguntas de diferentes «camaradinhos»:

— Escute! Lá na sua terra também há calado?...

É a um gesto meu, afirmativo:

— E fatos?... E ovos... manteiga... dinheiro? E se o senhor tiver dinheiro pode comprar isso tudo?

— Posso.

— E dão-lhe também o que comprar?

— Tanto quanto eu quiser.

— Parece incrível!

É se lhes parece incrível, eu sei, é porque mais do que milhentas de vezes lhes contaram absolutamente o contrário...

Chegamos a Iegorschino. Desatrelam a locomotiva para umas manobras urgentes, que duram seis horas. Pode acontecer que, em casos idênticos, demore até oito... *Nitschewo!* Não faz mal! Temos tempo.

*
* *

Vi a primeira sala de espera russa em Swerdlowsk.

É qualquer coisa de indiscreto, pelo seu aspecto de miséria e de sujidade. Homens, mulheres, crianças, deitados pelo chão, em



...DE QUANDO EM QUANDO, CHEGAM FORNECIMENTOS ÀS COOPERATIVAS E LOGO CRESCEM, DESMEDI-
DAMENTE, AS BICHAS HUMANAS...

brulha-
dos em farrapos
andrajosos, que não deixam
o mínimo espaço livre. Por cima deles

move-se, indiferente, a enorme massa dos que chegam e dos que partem. Mas ninguém protesta, ninguém se irrita, ninguém blasfema.

Fico, simultaneamente, entusiasmado e enojado com a pontaria exímia de um homem que cospe, num à-vontade invejável, para o espaço livre entre dois seus vizinhos; espaço esse tão estreito que não hesito em classificar o outro como artista... Ao lado dele, uma mulher dá de mamar a uma criança... e em qualquer canto daquela enorme sala pejada de gente, existe uma chaleira com água quente... Nessa direcção arrastam-se, furam e avançam quasi todos. É para matar a sede, e por desde as grandes epidemias só lhes ser permitido beber água fervida.

Durante algum tempo havia algumas mesas, às quais se sentavam os ricos. Acabaram com elas, porque era tão feroz a luta entre aqueles que se disputavam a primazia de devorar os restos das refeições desses outros camaradas, que os outros, pelo chão, não podiam dormir. Prefiro não detalhar a ser acusado de exagerado.

Tôda essa gente que se amontoa pelas salas de espera das estações de caminho de ferro na Rússia, empreendeu uma viagem que, geralmente, não termina, por falta de dinheiro, para um destino qualquer onde sabe que há trabalho. Os mais afortunados em levarem a bom termo essa jornada, encontram, muitas vezes, os lugares tomados... A maioria, falha de recursos, fica-se pelas estações do trajeto, na expectativa de que apareça algum empregado, algum enganador.

Outros, estão ali para vêr em que param as modas. Ao menor boato, de que em tal e tal parte há trabalho, ficam entusiasmados à espera que o alto-falante da estação anuncie a próxima partida do comboio... Nenhum deles, ou a maioria deles, sabe ler, não entende, por isso, o horário.

Anda, portanto, metade da Rússia a percorrer o país de lés a lés, numa cruzada em busca de trabalho. E trabalha-se na Rússia. Constroem-se altos edifícios, e o cimento armado forma contornos esguios de hipotéticos arranha-céus... Constrói-se muito, mas nada de estalagens, nem de cobertos, sequer, para este povo sem pátria adentro do próprio país...

Mas aquilo que mais me impressionou de entrada foi esse quadro de crianças «sem eira nem beira», crianças vagabundas, sem pais, sem um lar, que são agrupadas sob a designação de *Bespresornies*. Há-os entre os 10 e 13 anos, esfarrapados e sujos, cujas caras não tinham visto sabão desde há meses, e cujos pés estavam envolvidos em qualquer coisa que, vagamente, lembrava um sapato. Ali os tinha em minha frente, os trapos e os restos do vestuário, que cobriam os seus corpos, seguros por

pedaços de cordel ou de arame, estendendo a mão à caridade pública e mendigando pão, pontas de cigarro ou alguns cobres. E, aqui entre nós, acreditem que senti um calafrio pela espinha abaixo ao reparar nas fisionomias de alguns desses garotos, que apresentavam, por vezes, características marcantes de uma descendência não proletária...

Em Nishne Tagil mostraram-me um miúdo de 10 anos que, dias antes, *malttrara* um companheiro da mesma idade com uma navalha, provocando-lhe a morte.

— E não o prenderam?!

— Passou duas noites entregue à milícia...

— E depois?

— Soltaram-no...

Efectivamente lá estava o precoce criminoso a jogar às cartas com outros companheiros... e jogavam todos por um par de alpergatas já muito estafadas e dois cigarros. Terminado o jogo, aquele que perdera descalçou as alpergatas e entregou-as ao outro... apesar dos trinta grãos abaixo de zero que o termómetro acusava lá fora, na rua...

Contam-se às centenas de milhar estas crianças vagabundas. De quando em quando a polícia organiza uma rusga, prende um punhado deles que, dias depois, torna a soltar. Castigam-nos por vezes, e outras internam-nos em casas de correcção, mas a maioria

foge ou insiste na vadiagem, porque ninguém apareceu ainda que os soubesse tratar como crianças, que, na verdade, são.

— Mitja, que estás tu a olhar que pareces palerma?

— Diabo, não sei, *Towaritsch* engenheiro! Uma pessoa trabalha e trabalha... mata-se a trabalhar... mas para comer: nem nada! Tenho mulher e filhos em casa, só não tenho comida...

Fico de pé atrás, desconfiado, não querendo bem acreditar na choradeira do bom Mitja. Se ele tem senhas de racionamento, senhas à farta!?

Por isso vou interrogar outros, e como me enerva aquele rosário de lamúrias, passo a perguntar com mais precisão:

— Quando foi a última vez que recebeste carne?

Dimitri olha espantado para mim, e responde:

— Que me matem se isto não é verdade, *Towaritsch* engenheiro... mas há três meses que não consigo mais nada senão harengues salgados e pão!

— E as tuas senhas?

— Estão aqui... Mas quem as troca?!

Penso no racionamento destinado aos estrangeiros, na facilidade com que recebo tudo quanto me apetece e peço a Dimitri que me mostre a sua carta de racionamento. Lá está bem claro: *Carne*, quatrocentas gramas... Não diária nem semanalmente, mas uma vez ao mês... E nem isso lhe dão?

O leite e os ovos não são para adultos. Só para crianças. O único alimento que o operário recebe, com toda a regularidade, da cooperativa, é pão. A carne e a manteiga só lhe são fornecidas ao gosto das respectivas autoridades, e este gosto varia de um distrito para o outro. Na minha zona de trabalho havia dificuldade nesses alimentos, e os operários, que se encontravam sob a minha direcção só recebiam, de mês em mês, para animar, e quando não havia esquecimentos, a sua ração de carne.

Então que come o operário russo? Junto a cada oficina mais importante, ou local de

obras, existe um barracão para as refeições. Para comer, distribuem ao pessoal senhas cujo preço lhe é descontado nas férias. A constituição das refeições é, invariavelmente, a mesma: sopa de hortaliça e papas de peixe. Quando sucede a sopa ser de aletria ou de pão, o facto marca como acontecimento festivo. Nunca cheguei, contudo, a perceber bem do que vivia uma família russa. Aqueles que vivem sempre na mesma terra e possuem um jardim, lá cultivam a sua hortaliça e fazem os seus negócios e as suas trocas. Dois copos cheios de arroz valem meia dúzia de ovos... Os meus vizinhos, por exemplo, e os seus parentes, viviam das minhas senhas de racionamento e eram muito respeitados por isso. Nos grandes centros há mercados e há vendedores ambulantes que vendem tudo. Mas os seus preços não são para as bolsas do proletariado. Se não, vejamos alguns preços cotados no mercado de Swerdlowsk: dez ovos por cinco rublos, um quilo de manteiga por quinze rublos, um quilo de carne seis rublos, um *pud* (dezassex quilos) de farinha por oitenta e cinco rublos...

Nessa mesma data, a tarifa dos ordenados marcava, nas obras que eu dirigia, de um rublo e oitenta a três rublos e sessenta por dia, para cada operário. Isto é: o ganho diário de um operário correspondia, nestas circunstâncias, a três ovos, ou a cento e vinte e cinco gramas de carne, ou a um pouco mais de cem gramas de manteiga, ou a setecentas e cinquenta gramas de farinha.

Quem goza das vantagens das cooperativas, em toda a linha, são os estrangeiros. O operário pouco mais consegue do que o fornecimento regular de pão. De quando em quando, espalha-se a fantástica nova de que chegam novos fornecimentos às cooperativas, e logo crescem desmedidamente as bichas às respectivas portas. Os que chegam primeiro sempre conseguem alguma coisa, mas os retardatários... Depois de um acontecimento desta importância, decorrem meses e meses no mais completo dos sossegos.

Os meus operários, por exemplo, passaram meses sem conseguirem peixe. Eu, no entanto, podia comprar quanto me apetecesse. Havia, indiscutivelmente, peixe... Por-



CARICATURA RUSSA FOCANDO A BURGUESIA SOVIÉTICA QUE A OPINIÃO PÚBLICA CONSIDERA OS MAIORES INIMIGOS DO PLANO QUINQUENAL

tanto, porque é que os meus operários?... Vou responder com um exemplo:

Durante algum tempo, na zona em que eu trabalhava, havia um só estrangeiro, que era eu. Este facto não impediu que, por meus olhos, constatasse que havia, pelo menos, dez cartas de racionamento para engenheiros estrangeiros... uma das quais estava em mãos do próprio director vermelho. Quem eram os outros contemplados e quem mais gozava do privilégio das outras oito cartas, nunca consegui averiguar ao certo.

Lembrei-me, então, de circunstâncias idênticas, para nós, alemães, em tempos de guerra e de inflação.

Quem são os burgueses de primeira classe na Rússia dos Soviéticos? Para principiar, toda a corporação da G. P. U. (policia secreta). Também a milícia recebe um tratamento especial, e além destes funcionários há mais, e muito boa gente, que se alimenta às mil maravilhas e não passa privações.

Não me refiro aqui ao povo trabalhador. Pelo contrário, esses privilegiados são todos aqueles «cavalheiros de respeito» que têm boas relações, são também os empregados das cooperativas, se bem que estes, muitas vezes, sejam castigados disciplinarmente. Em todo o caso, são sempre pessoas com empregos de destaque, por pertencerem a determinado partido...

O Estado soviético instituiu para o rublo uma cotação forçada de dois marcos e quinze pfennings. Naturalmente, que só



CRANÇAS ASSISTINDO A UMA «MATINÉE» NO THEATRO INFANTIL DE MOSCOW

o recém-chegado vai no engodo... Uma vez, para nunca mais! A primeira esquina encontra-se logo um *banqueiro* improvisado que nos troca um marco por quatro ou cinco rublos. A polícia anda atrás destes cambistas, e se consegue apanhar algum, ai dele!

A pouco e pouco a população foi-se habituando ao *rublo-papel*, mas quem apanha moeda de prata trata de a guardar, apesar das grandes multas e penas que pesam sobre os contraventores da lei. A G. P. U. aparece em toda a parte e organiza uma atenta vigilância, principalmente junto a ex-proprietários, padres e comerciantes, que os russos designam como *antigos*...

Certa noite, dormia eu regalado, quando acordei de sobresalto com violentas pancadas à porta da rua. Salto da cama, chego à janela:

— Abra, em nome da lei!

Mas já a minha hospedeira acorrera também:

— Quem é?

— Milícia!

— Isso qualquer um o pode dizer... — responde ela, e faz menção de fechar a janela.

Os de baixo não só insistem como se mostram dispostos a violar a fechadura... e, não há outro remédio, abre-se-lhes a porta!

— Os senhores que querem? — indaga, aflita, a pobre mulher...

Abriu-se a porta, ouviram-se passos pela escada, e apareceram dois soldados e um homem à paisana:

— Onde tem a senhora escondido o dinheiro? — inquiriu este último.

E começa, acto contínuo, a busca domiciliar. No meu quarto ninguém se atreve a entrar, mas a acanhadíssima alcova e a cozinha da dona da casa são remexidas, em todos os sentidos, durante três horas! Nem uma moeda de prata aparece... E a autoridade sai, sem mais explicações nem desculpas.

No dia seguinte, a minha hospedeira, ainda mal refeita do susto, recebe uma intimação: ordem rigorosa de comparecer na central da G. P. U. (polícia secreta) para prestar declarações. Tenho pena dela, acompanho-a, e esclarece-se então o mistério:

Algum vizinho invejoso fizera a denúncia que se baseava no facto da pobre criatura possuir, num minúsculo quintal, dois cortiços de abelhas. O mel é doce e tem valor na Rússia actual; o vizinho da minha hospedeira era guloso, mas a mulherzinha, por qualquer razão, não lhe quisera vender ou trocar uma porção de mel... O homem não gostou, e toca a dizer que ela só o vendia contra pagamento em moeda de prata!

vila ou lugarejo da U. R. S. S. possui três instituições, pelo menos, para recreio público: o cinema, a radiotelefonía e um clube. Por vezes, também, um teatro infantil.

O clube foi instituído com o principal fim de substituir as igrejas e as tabernas mandadas fechar por ordem dos soviets. Ali deve o operário procurar, durante as horas de ócio, divertir-se, jogar, criar novas relações e cultivar o seu espírito. Assim, toda e qualquer fábrica, oficina ou empresa tem o seu próprio clube.

Lá se encontra o inevitável alto falante da radiotelefonía, uma sala com ilustrações e folhetos de propaganda soviética, uma biblioteca e uma sala de jogo. O consumo de álcool nos clubes dos operários é absolutamente proibido.

É claro, que nas cidades mais importantes há clubes que possuem a sala privada de projecções cinematográficas e que se encontram instalados com luxo, constituindo o grande orgulho do Estado soviético.

Em Swerdlowsk frequentei repetidas vezes um desses palácios que deve ser bem do

que, além de tudo, a falta de colarinho e o desalinho ou a modesta pobreza da indumentária, são quanto basta para que qualquer *camaradinho* não seja admitido no *Djelowoi-Klub* mesmo que leve as algibeiras a abarrotar de dinheiro. Que vá para a cantina da fábrica e que coma por lá!

E o homem vai. Vai para esses edifícios bizarramente ornamentados, de uma arquitectura arrojadada e pomposa, onde uma refeição, por força, há de saber bem. Parece-me, contudo, que se propuserem a qualquer operário russo escolher entre uma sopa de hortaliça, comida numa dessas cantinas ou clubes, e um suculento bife, saboreado, quasi que às escondidas, na mais humilde das choupanas, o nosso homem, sem pestanejar, optará pelo bife...

Estou de acordo: em Moscovo é possível que haja grandes e opíparas cosinhas industriais que forneçam uma comida abundante, suculenta, reconfortante... Conheço de sobra os relatórios das comissões de inquérito a quem o Estado soviético apresenta exemplos destes. Comigo, contudo, deu-se o caso de eu seguir

um caminho diferente, longe de todas essas inovações e construções para inglês ver... Por sorte, andei sempre por onde, na verdade, se trabalhava e aonde não aparecem nem turistas, nem missões, nem jornalistas estrangeiros. A minha impressão relativa ao alimento destinado aos que trabalham na Rússia é, por isso, muitíssimo diferente.

Num dos locais onde trabalhei foi instalada uma cantina: três enormes caldeirões... mais nada. Quer dizer, — já me esquecia! — também instalaram um forno para os assados. Instalaram-no devidamente, já se vê, mas, confesso, não sei para que fim... Nunca serviu!

Entre os meus homens havia um rapazão de meter inveja aos demais. Era comunista convicto, e uma ocasião que o apanhei a geito e encaminhei a conversa para os assuntos de alimentação do pessoal, disse-me ele:

— É indecente, lá isso é...

— Mas todos esses planos de assistência social? — insisti eu.

— Constituem uma bonita obra, é verdade! Mas que quer? Do chefe supremo até ao bicho de cozinha mais insignificante, ninguém pensa em mais nada senão em se intrujarem uns aos outros!

(Continua no próximo número)

Tradução libérrima e adaptação de

JOÃO DE MORAIS PALMEIRO.

No segundo artigo da série: NA RUSSIA SOVIÉTICA:

«KULAKAS» — O FANTASMA DA G. P. U.
— AS GRANDES CONSTRUÇÕES E A SINFONIA DA CRIAÇÃO



UMA RUA EM MOSCOVO, VENDO-SE À DIREITA UMA DAS COOPERATIVAS DO ESTADO RUSSO

conhecimento de todas as missões estrangeiras que visitam a Rússia. É o *Djelowoi-Klub*, uma imponente edificação com inúmeras e confortabilíssimas salas e salões e um restaurante luxuosíssimo onde não só se come excelentemente como também se bebe ainda melhor. Encontram-se ali não só as melhores qualidades de cerveja mas também belos vinhos da Caucásia.

É natural que os leitores torçam agora o nariz e não me queiram acreditar por eu, há pouco, haver dito que nos clubes dos operários era proibido o uso de bebidas alcoólicas. Está bem. É necessário, porém, dizer-lhes que o *Djelowoi-Klub* (traduzido: «Clube dos que produzem») também é, naturalmente, uma agremiação operária... em teoria... porque, na prática, é de tudo menos de proletários. A entrada neste clube só é permitida aos portadores de um cartão, regalia esta só concedida à *burguesia* soviética de primeira classe... isto é: aqueles que se sentam nos compartimentos estofados dos comboios!

Devo dizer que nunca encontrei neste clube dos que produzem, um único operário, pois

EM LOUVOR DA BEIRA ALTA



ABRUNHOSA-VELHA — LARGO DO PELOURINHO

RECATADA e quieta no tempo e no espaço, a povoação de Abrunhosa-a-Velha, concelho de Mangualde, está situada a uns catorze quilómetros desta vila, a quilómetros metros de altitude e conta apenas mil e duzentos habitantes. Com a vizinha aldeia de Vila-Mendo constitui a freguesia de Santa Cecília, ignorando-se a origem desta invocação.

Pertenceu outrora esta Abrunhosa ao concelho da Tavares, extinto por decreto da Regeneração; e ela própria foi em tempo sede de um município autónomo, como atesta o pelourinho ainda ali existente. No século XVIII foi dada em donatária aos Pais de Mangualde, da casa de Anadía, que lá continuam possuindo vastas propriedades.

Raros são os documentos históricos referentes à povoação de Abrunhosa-a-Velha. O mais antigo de que temos conhecimento data de 1608 e é uma Bula do Papa Paulo V, que concede indulgências à Irmandade da Senhora dos Verdes, cujo santuário está a cerca de um quilómetro do povoado e ainda agora é ponto de reunião de uma animada romaria, que na segunda-feira do Espírito Santo faz convergir ali muito povo de treze freguesias, algumas bem distantes e até estranhas ao Bispado.

Perto de Abrunhosa-a-Velha, hoje bem servida de comunicações rápidas pelo caminho de ferro da Beira Alta, passava noutro tempo a estrada romana, da qual se notam ainda vestígios perto da ermida da Senhora dos Verdes. Na própria povoação existem pelo menos dois marcos miliares com inscrições latinas, que algum dos nossos arqueólogos gostará de ver, de interpretar, e de salvar talvez da destruição que os ameaça, na sua humilde função actual de ombreiras de portas ou cancelas de velhos casebres. Outra prova da antigui-

dade da povoação dá-no-la ainda o facto de existir, entre as propriedades da casa de Anadía, uma capela onde pode admirar-se o belo altar de talha doirada, assinado por Bernardo Correia e datado de 1658.

A-pesar-da sua altitude relativamente elevada, a pinturesca povoação está bem abrigada dos ventos do Norte pela serra da Pousada, em cuja encosta se aninha. Exposta assim ao Sul e ao Poente sólheiros, banha-se de luz e calor, e goza de



UM ASPECTO DE ABRUNHOSA-A-VELHA

cias assegura-lhe risonho futuro de estância sanatorial e lugar de repouso e de cura, quando entre nós se desenvolve, como é preciso, o hábito de compensar os malefícios da vida urbana, cada vez mais depauperadora e neurasténizante, com a retirada anual não só para as praias, mas também para as montanhas das nossas bem-fadadas regiões beiroas.

No vagaroso descobrimento de Portugal que os Portugueses vão fazendo, algum dia se há-de apurar que as nossas serranias não são menos restauradoras da saúde que o litoral do país. E muitos se admirarão, desde que isto aconteça, de que por tanto tempo se tenha ido buscar tão distante e tão cara uma Suíça que temos em casa.

Gostaria eu bem de descrever-vos esta natureza que pelos olhos se nos infiltra na alma como elixir delicioso.

Mas... *non sum dignus!* Lembro-me de me haver já desculpado, uma vez pelo menos, de não ser paisagista, de não saber escrever com pincéis ou pintar com a mísera água suja do tinteiro — de serem as palavras que alinhio no papel meras sombras de ideias, e não tintas vivas, capazes de fingirem o mundo plástico, o que nos fere ou acarinha os sentidos, o único afinal que existe, ou mais verdadeiramente existe, visto ser o mundo, para nós, antes o muito que sentimos do que o pouco que pensamos.

Resta saber se, em última análise, a natureza será descritível, e se a paisagem, menos ainda que um «estado de alma», não se limitará, considerada como género literário, a mero jogo de palavras, que só conseguem promover-se a tintas e tons na iludida vaidade daquele que as empregou. E, pôsto este intróito de avisada modéstia, mergulhem na ilusão vã:

Abrunhosa-a-Velha dá-nos abundantemente a impressão de vetus-



CASAL DE S. SEBASTIÃO

um clima privilegiado, que as suas águas rádio-activas e puríssimas tornam ainda mais atraente. Tão feliz conjugação de circunstân-



CAPELA DE S. SEBASTIÃO

tez e primitividade contida no seu apelido. Enegrecido pelos séculos, contrasta com a loira e clara luz ambiente o granito das construções, de algumas das quais salta aos olhos a veneranda certidão-de-idade manuelina ou quinhentista.

Como em tantas outras povoações portuguesas, nota-se ali a sangria demográfica proveniente da emigração. Predominam entre os que ficam ainda presos ao torrão natal os velhos e as crianças, porque muitas raparigas saem para criadas de servir nas nossas cidades absorventes e os rapazes abalam quasi todos a procurar trabalho não só nessas, mas nas nações novas e longínquas que o exodo português em boa parte alimenta e faz crescer além dos mares.

Mas parece que, da abundante transfusão do seu sangue, aquela tão castiça povoação beiroa não tem colhido em troca o renovo de ampliação material urbanizante que noutras velhas terras portuguesas (principalmente nas do Minho) veio fazendo surgir, dentro do próprio núcleo arcaico e patinado pelo tempo, a novidade berrante da telha marsellesa e as vivendas gaiteiras, mandadas construir pelo emigrante saúdoso e enriquecido, no mesmo sítio onde se erguia a choupana avoenga.

Nesta persistência da sua secular modéstia, a velha Abrunhosa só nos mostra de novo a sua casa da escola, e assim se salvou de certas investidas desagradáveis, embora comovedoras, do mau-gosto ingénuo.

Continua felizmente intacto o povoado antigo. A ampliação moderna, feita fora d'ele, é constituída pela bela residência do sr. José de Sousa Figueiredo, a meio quilómetro para o Nascente, e pelo Casal de S. Sebastião, magnífica propriedade cuja parte rústica — jardim, pomar, horta, vinha e parque — traçada e executada com certa inteligência e gosto, vai subindo em andares até à esplanada onde o criador e dono do Casal, o professor Costa Sacadura, estremoso filho da Abrunhosa e membro de uma velha família espalhada por aquelas redondezas, fez construir uma capelinha barrôca, de graciosíssima arquitectura.

Dá-se domina o grande edifício principal da propriedade, o qual, com as suas amplas galerias cobertas a circundá-lo, tem todas as condições para um futuro sanatório ou casa de reponso; e, a toda a roda, estende-se para longe o panorama soberbo que ao sul desdobra uma das mais belas vertentes da serra da Estréla, com as povoações de Gouveia, Nabais e Nabainhos, Melo, Folgoso, e ainda Linhares com o seu belo castelo.

Diante da nossa vista e da nossa alma em êxtase está a alta montanha e a sua misteriosa atracção. Fala-nos o céu de mais perto e sente-se a presença de Deus. Para qualquer lado que os olhos se voltem sacia-os a beleza característica da Beira-Alta: a ondulação a um tempo majestosa e suave da paisagem, a sinfonia impecável dos tons verdes do campo, da vinha e da floresta, o ritmo pausado dos vales férteis e das aveludadas colinas.

Harmonia, amplitude, equilíbrio, serenidade. Tal é o delicioso pasto dos olhos que ali chegam para ver, e o alimento das almas que na Beira generosa e mesurada se abrem e modelam para a vida. E então compreende-se que aqueles homens sejam francos, robustos e leais, que aquelas mulheres tenham no rosto os traços de uma beleza grave, mais profunda que a pele — e que a «folha-corrida» de Abrunhosa-a-Velha seja um caderno exemplar que nos últimos oitenta anos nos apresenta outras tantas páginas inteiramente brancas e limpas de toda a espécie de crime.

Agostinho de Campos.

A "ILUSTRAÇÃO"

inicia um concurso fotográfico entre amadores

Como já noticiámos, a «Ilustração» inicia no presente número o concurso fotográfico para amadores.

Resolvemos, porém, alargar o limite d'êste concurso, permitindo que a êle concorram também provas fotográficas que não sejam flagrantes de movimento. Todas as provas que, pela sua perfeição, sejam dignas de reprodução, serão publicadas, mas quando não sejam flagrantes de movimento, essas provas só concorrem aos prêmios da «sorte».

Indispensável é que essas fotografias nunca tenham sido publicadas e não sejam de tamanho inferior a 6x9 nem superior a 18x24. As fotografias que satisfaçam as condições do concurso serão reproduzidas com o seu número de ordem.

Prêmios de originalidade e perfeição

1.º prêmio — Esplêndido **Cine-Kodak**, oferta da **Casa Kodak**, sociedade cuja respeitabilidade e processos de tra-



CINE KODAK — VALOR 1.720\$00

balho a tornam justamente a mais importante e afamada do mundo.

2.º e 3.º prêmios para as duas fotografias imediatamente classificadas, também pela sua originalidade; êstes dois prêmios são representados, cada um, por 18 vol. das obras de Alexandre Herculano, encadernadas em percalina no valor de 268\$00.

Prêmios da "Sorte"

1.º prêmio — Mil escudos, para a fotografia cujo número de publicação seja igual aos três algarismos finais do número contemplado com o grande prêmio da lotaria de Santo António.

2.º prêmio — Um exemplar da História da Literatura Portuguesa, organizada por Albino Forjaz de Sampaio, edição luxuosa em papel couché, ricas gravuras e encadernação em pele, 3 volumes, 570\$00 — para a fotografia cujo número seja igual aos três algarismos finais do número contemplado com o 2.º prêmio da mesma lotaria.

3.º e 4.º prêmios — Para as fotografias cujos números sejam iguais aos três finais das aproximações ao grande prêmio da mesma lotaria.

A cada, uma colecção da Antologia portuguesa, organizada pelo ilustre escritor Agostinho de Campos, — 24 volumes, encadernados, do valor de 384\$00.

Mais 10 prêmios

Mais 10 prêmios para as fotografias cujos dois números finais sejam iguais aos dois algarismos finais do número premiado com o 1.º prêmio da grande lotaria de Santo António.

Êstes prêmios são constituídos por livros à escolha, das edições da Livraria Bertrand, de Lisboa, no valor de 50 escudos para cada um.

Assim, a Ilustração enceta uma série de Concursos, que não só darão prazer como proveito a todos os seus leitores. Aos que concorrerem, a possibilidade de alcançarem apreciáveis recompensas; aos que não o quizerem ou não puderem fazer, o ensejo — e é êste o caso do concurso presente — de admirarem boas fotografias com aspectos da nossa terra, paisagens, monumentos, costumes, etc., e que constituirão como que um valioso subsídio para o documentário da vida nacional.



001 — PENICHE — «SÁNDIO PARA O MAR» (Foto do sr. Urbano de Oliveira — Lisboa)



002 — CASTELO DE VIDE — «AVIÃO SOBRE A VILA» (Foto do sr. Costa Pinto — Castelo de Vide)



003 — CASTELO DE VIDE — «CANTO DA VILA» (Foto do sr. Costa Pinto — Castelo de Vide)

Concurso fotográfico entre amadores

CONSOANTE o que vinha sendo anunciado na *Ilustração*, e obedecendo às normas que a página anterior insere, iniciamos nesta a publicação das primeiras fotografias que, para este Concurso, nos foram remetidas.



004 — ARREDORES DO PORTO — «PASTANDO, À SÔTA...» (Foto do sr. Adélmo Xavier Esteves — Porto)



005 — «BONS AMIGOS» (Foto do sr. Costa Pinto — Castelo de Vide)



006 — «Bicho! Bicho!» (Foto do sr. Amílcar Vale de Almeida — Lisboa)

Vida Elegante

Festa de Caridade

NO ROYAL CINE

Organizada por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, da qual fazem parte as seguintes: D. Ana Teles da Silva (Tarouca), Baronesa de Valentino, D. Branca de Somer de Andrade, Condessa de Monte Real, Condessa de Murça, D. Joana Teles da Silva (Tarouca), D. Lidia Bastos Pereira Ribeiro, D. Luísa de Somer Alzina, D. Maria Beatriz Neto de Freitas, D. Maria Carlota Cabral da Câmara e Lorena (S. Vicente), D. Maria Isabel de Somer, D. Maria Luísa de Somer, D. Maria da Madre de Deus Nápoles de Carvalho (Chancelieiros), D. Maria de Oliveira Meira, D. Maria Rosa de Carvalho Bourbon Ribeiro, Marquesa de Sousa e Holstein, D. Palmira Cardoso e Silva de Somer, D. Susana Andressen da Costa e Viscondessa da Merceana, realiza-se na tarde de amanhã, 2 de Janeiro, no Royal Cine, à Graça, uma interessante *matinée* cinematográfica de caridade, seguida de «chá-dansantes», no salão anexo, revertendo o produto a favor da Sopa dos Pobres da Freguesia dos Anjos. A casa encontra-se tomada por tudo que de melhor conta a nossa sociedade elegante, estando os poucos bilhetes que restam à venda na bilheteira do salão.

Festa de homenagem

No dia 11 do corrente, realiza-se, no teatro da Trindade, a récita de homenagem aos conhecidos cronistas mundanos srs. Carlos de Vasconcelos e Sá e Carlos da Mota Marques, representando-se a engraçada farsa *Alarabão*, que está obtendo extraordinário êxito nesse teatro e na qual o brilhante actor Nascimento Fernandes tem mais uma corôa de glória.

Nessa noite, o Trindade será, decerto, uma verdadeira parada de mundanismo, como sucede todos os anos, visto a casa estar tomada pelas principais famílias da nossa aristocracia. Os poucos bilhetes que restam para essa récita devem ser requisitados pelo telefone 2 4024.

Casamentos

Com extraordinário brilhantismo, realizou-se, na capela do Palácio do Patriarcado, ao Campo dos Mártires da Pátria, o casa-

mento da sr.^a D. Maria Emília Machado Mendes de Almeida, gentil filha da sr.^a D. Maria Emília Machado Mendes de Almeida e do sr. Boaventura Mendes de Almeida, com o sr. dr. Fausto José Ferreira do Amaral de Figueiredo, filho mais velho da sr.^a D. Clotilde Ferreira do Amaral de Figueiredo e do sr. Fausto Cardoso de Figueiredo.

Celebrou o acto religioso Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca, D. Manuel Gonçalves Cerejeira, que, no fim da missa, fez uma brilhante e comovente alocução. Durante a cerimónia foi acolitado pelos reverendos cônegos Anaquim e Pereira dos Reis,

Em um dos salões do mesmo palacete estavam em exposição as numerosas e ricas prendas oferecidas aos noivos, entre as quais se viam algumas de alto valor artístico.

—Realizou-se, na capela do palácio dos srs. Condes de Pôrto Covo, à rua de S. Domingos, à Lapa, o casamento da sr.^a D. Maria Leonor Anjos Deniz, interessante filha da sr.^a D. Maria Leonor Munró dos Anjos Deniz e do sr. Carlos Joyce Deniz, com o distinto engenheiro sr. Luís Markert Roma Machado de Faria e Maia, filho da sr.^a D. Maria Markert Roma Machado de Faria e Maia e do ilustre coronel de engenharia sr. José Roma Machado de Faria e Maia.

Serviram de madrinhas a mãe e a cunhada da noiva, sr.^a D. Maria Eugénia Ottolini Deniz, e de padrinhos, o pai e o irmão do noivo, sr. José Moreira Machado de Faria e Maia.

Celebrou o acto religioso o reverendo prior da Lapa, monsenhor Domingos Nogueira, que, no fim da missa, fez uma brilhante alocução.

Terminada a cerimónia religiosa, foi servido, no salão de mesa da elegante residência dos pais da noiva, à rua Arriaga, um finíssimo lanche, partindo os noivos, depois, para a quinta da Boleta-Carapinheira, perto de Montemor-o-Velho, propriedade dos pais da noiva, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos, foi oferecido um grande número de valiosas e artísticas prendas.

—Para seu filho Carlos, foi pedida em casamento pela sr.^a D. Elisabeth Regina Anahory de Leite Perry, viúva do sr. Gui-

lherme Bressane de Leite Perry, a sr.^a D. Sara Tórres Ribeiro da Silva, gentil filha da sr.^a D. Virgínia Tórres Ribeiro da Silva, já falecida, e do sr. Ernesto Ribeiro da Silva.

A cerimónia realizar-se-á por todo o corrente ano.

O sr. D. Manuel de Bragança autorizou o sr. Júlio Anahory do Quental Calheiros (Covilhã) a usar o título de Conde da Covilhã, que pertenceu a seu pai, o segundo Conde da Covilhã, grande influente político da Beira Baixa, há pouco falecido.

D. Nuno



A sr.^a D. MARIA EMÍLIA MACHADO MENDES DE ALMEIDA E O SR. FAUSTO JOSÉ FERREIRA DO AMARAL DE FIGUEIREDO, ACOMPANHADOS DOS CAUDATÁRIOS DA NOIVA, POR OCASIÃO DO SEU CASAMENTO, REALIZADO NA CAPELA DO PALÁCIO DO PATRIARCADO, NO DIA 21 DE DEZEMBRO ÚLTIMO

tendo servido de mestre de cerimónia o reverendo dr. Honorato Monteiro. As *Lavandas*, serviram os pais dos noivos, tendo Sua Santidade enviado aos noivos a sua bênção.

Foram madrinhas, a mãe da noiva e a tia materna do noivo, sr.^a D. Aida Ferreira do Amaral Carreira de Sousa, que se fez representar pela mãe do noivo, e padrinhos, o pai da noiva e o tio do noivo, sr. Augusto Carreira de Sousa, que se fez representar pelo pai do noivo.

Pinda a cerimónia religiosa, foi servido no elegante salão de mesa do palacete dos pais da noiva, à Estrada das Laranjeiras, um finíssimo lanche, seguindo os noivos, depois, para o Estoril, onde foram passar a lua de mel.

O direito das filhas

O escritório de um advogado. Decoração severa. Tapetes. Armários holandeses. O DOUTOR X, homem de quarenta anos, alto, loiro, rosado, elegante, lê um cartão que lhe traz o «groom». Pela janela aberta, vê-se, doirada de sol, a arcada pombalina do Terreiro do Paço.

O DOUTOR X — Quem trouxe este cartão?

O «GROOM» — Uma menina. Diz que é a afilhada do senhor doutor.

DOUTOR X — Vem sòzinha?

O «GROOM» — Sòzinha.

DOUTOR X — Manda entrar.

MARION, rapariga de quinze anos, magra, morena, nervosa, graciosa, expressão de precocidade inquietante, olhos negros profundos, entra e cai nos braços do DOUTOR X, a chorar convulsivamente.

DOUTOR X — Que é isso, minha filha?

MARION — Padrinho!

DOUTOR X — Que tens tu?

MARION — O padrinho bem sabe...

DOUTOR X — Sossega. Senta-te aqui, ao pé de mim. Então, tu vieste sòzinha?

MARION — Eu já não tenho ninguém.

DOUTOR X — Tens os teus pais. E tens-me a mim.

MARION — Os meus pais abandonaram-me.

DOUTOR X — Não é bem assim, minha filha. Os teus pais estremeceem-te. Os teus pais não deixaram ainda, com certeza, de pensar em ti um só momento.

MARION — Se pensassem em mim, não faziam o que fizeram. Se pensassem em mim, não me tinham feito chorar tanto.

DOUTOR X — Enxuga os teus olhos, Marion. Quem tem uns olhos tão bonitos, não chora. Ainda bem que vieste. Eu precisava de conversar contigo. Dize-me. Teu pai não voltou a casa?

MARION — Não.

DOUTOR X — E tua mãe?

MARION — Também não. Deixaram-me só.

DOUTOR X — Fraulein tem-te acompanhado?

MARION — Fraulein foi despedida.

DOUTOR X — Despedida?

MARION — Foi por causa dela que aconteceu tudo isto. Foi por causa dela que eu perdi meu pai e minha mãe.

DOUTOR X — Não é bem assim, minha filha. Tu não perdeste teus pais, felizmente.

MARION — Separaram-se um do outro. Saíram de casa. É como se os tivesse perdido.

DOUTOR X — Mas tu sabes onde está a mamã?



MARION — Está em casa dos meus avós. E o papá está no Avenida Palace.

DOUTOR X — Bem sei. Ele telefonou-me. Contou-me tudo. Mas não me disse uma palavra de fraulein Rose.

MARION — Eu nunca gostei dela. Não sei porquê, tive sempre a impressão de que ela havia de trazer a desgraça à nossa casa. O papá e a mamã eram tão amigos! Eu vivia tão feliz!

DOUTOR X — Ouve, minha filha. Tu não podes ficar sòzinha. Teu pai disse-me que te tinha querido levar consigo. Por que te recusaste tu a acompanhá-lo?

MARION — Eu não vou para meu pai.

DOUTOR X — Nesse caso, é preciso

tomar uma resolução. Tenho aí o automóvel. Vou levar-te a tua mãe. Ficas com ela, em casa de teus avós. Far-te-á bem o ar do campo. Descansas. O jardim — ainda há pouco lá estive... — está cheio de rosas. Vamos?

MARION — Não. Também não vou para minha mãe.

DOUTOR X — Eles não se zangam contigo. Dão-te a liberdade de escolher. Tu podes ir, livremente, para um ou para outro.

MARION — Fico na minha casa.

DOUTOR X — Sòzinha com os criados?

MARION — Eu não sei escolher, eu não posso escolher entre meu pai e minha mãe. Não me obriguem a êsse suplício.

Eu quero-os a ambos. Eu, se não fico com ambos, morro.

DOUTOR X — Porque não vens, então, para minha casa?

MARION — O meu lugar, neste momento, é na casa dos meus pais. Diz-me o coração que, se eu lá ficar, eles voltam. Se eles me adoram, como dizem, não abandonam a sua filha. Não é verdade, padrinho?

DOUTOR X — Minha pobre Marion!

MARION, olhando-o — O padrinho sabe alguma coisa? O padrinho julga que eles ficarão zangados para sempre? A prima Betty disse-me que minha mãe lhe tinha escrito. Para quê? Que lhe queria ela?

DOUTOR X — Coisas sem importância, minha filha.

MARION — O padrinho não está a dizer a verdade. O padrinho esconde-me seja o que fôr. — Para que foi que meu pai lhe telefonou?

DOUTOR X — Não te escondo nada, Marion. Tu estás uma senhora e precisas de encarar a vida com serenidade. Tudo se ha de conciliar, descansa. Quem mais me preocupa, neste momento, és tu. São os teus nervos. É a tua saúde.

MARION — Mas o que queria minha mãe de si? Porque não me mostra a carta que ela lhe escreveu?

DOUTOR X — Não tem interesse. Tua mãe pediu-me para ser seu advogado.

MARION — Minha mãe?

DOUTOR X — Mas eu recusei-me. Como me recusei a igual pedido que me fêz teu pai. Estimo-os demasiado a ambos para poder pleitear contra qualquer deles.

MARION — Então, minha mãe quer divorciar-se?

DOUTOR X — Tu compreendes, minha filha. Tua mãe obedeceu a um impulso da sua dignidade ofendida. E, infelizmente, teu pai é bastante orgulhoso para não lhe pedir perdão.

MARION — E, então, eu? Eles não se lembram de mim? Não me dizem nada? Decidem da nossa vida como se eu não existisse?

DOUTOR X — É natural que não queiram envolver-te nas suas questões íntimas. Tu, para eles, és uma criança.

MARION — Não querem envolver-me nas suas questões íntimas, mas quem mais sofre com elas sou eu. Minha mãe não tinha o direito de tomar uma resolução dessas sem me dizer uma palavra. Eu já o suspeitava, padrinho, e foi por isso que vim aqui. O padrinho é advogado, não é? Pois eu venho dizer-lhe que não consinto no divórcio de meus pais.

DOUTOR X — Minha pobre filha! E tu já disseste isso a tua mãe?

MARION — Já lhe escrevi uma grande carta. Mas estava tão nervosa, e caíram-me tantas lágrimas em cima do papel, que tenho receio de que ela não tivesse entendido.

DOUTOR X — Se não entender as tuas palavras, entende as tuas lágrimas, com certeza. — E teu pai, Marion?

MARION — Supliquei-lhe que pedisse perdão à mamã, e ele não quer. Diz que a não quer ver mais. A minha última esperança está em si, padrinho.

DOUTOR X — Que posso eu fazer?

MARION — É na sua amizade que eu confio. Não tenho mais ninguém. Abandonaram-me todos. O padrinho não vai recusar-me o que eu lhe peço, pois não?

DOUTOR X — Mas o que é que tu queres?

MARION — Quero que o padrinho seja o meu advogado na causa de divórcio de meus pais.

DOUTOR X — O teu advogado?

MARION — Sim. O meu advogado. Compreendo que tivesse dito que não a

minha mãe. Mas a mim não me diz, não é verdade?

DOUTOR X — Isso não pode ser, Marion.

MARION — Não pode ser, porquê? Então os filhos não têm o direito de nomear advogado nos di-

advogar a tua causa nos tribunais. Mas posso advogá-la junto de tua mãe, empregar todos os meus esforços para que ela volte para casa e desista da acção de divórcio.

MARION — O padrinho não consegue nada.

DOUTOR X — Talvez. Mas é preciso que tu venhas comigo. O meu melhor argumento são as tuas lágrimas, minha filha.

MARION — E se me obrigam a ficar lá, com minha mãe?

DOUTOR X — Não, Marion. Confia em mim. Com ela, ou sòzinha, tu voltas para tua casa. É um passeio. Hora e meia de automóvel, e o dia está lindo. Havemos de trazer de lá um grande ramo de rosas e a tua felicidade. Vamos. Enxuga os olhos. Sorri. (MARION sorri). Quando nos virem passar, imaginam que somos noivos.

MARION, pondo pé-de-arroz. — E, na volta, vim buscar o papá?

DOUTOR X — Pois, decerto. O automóvel é grande. Cabe a família toda.

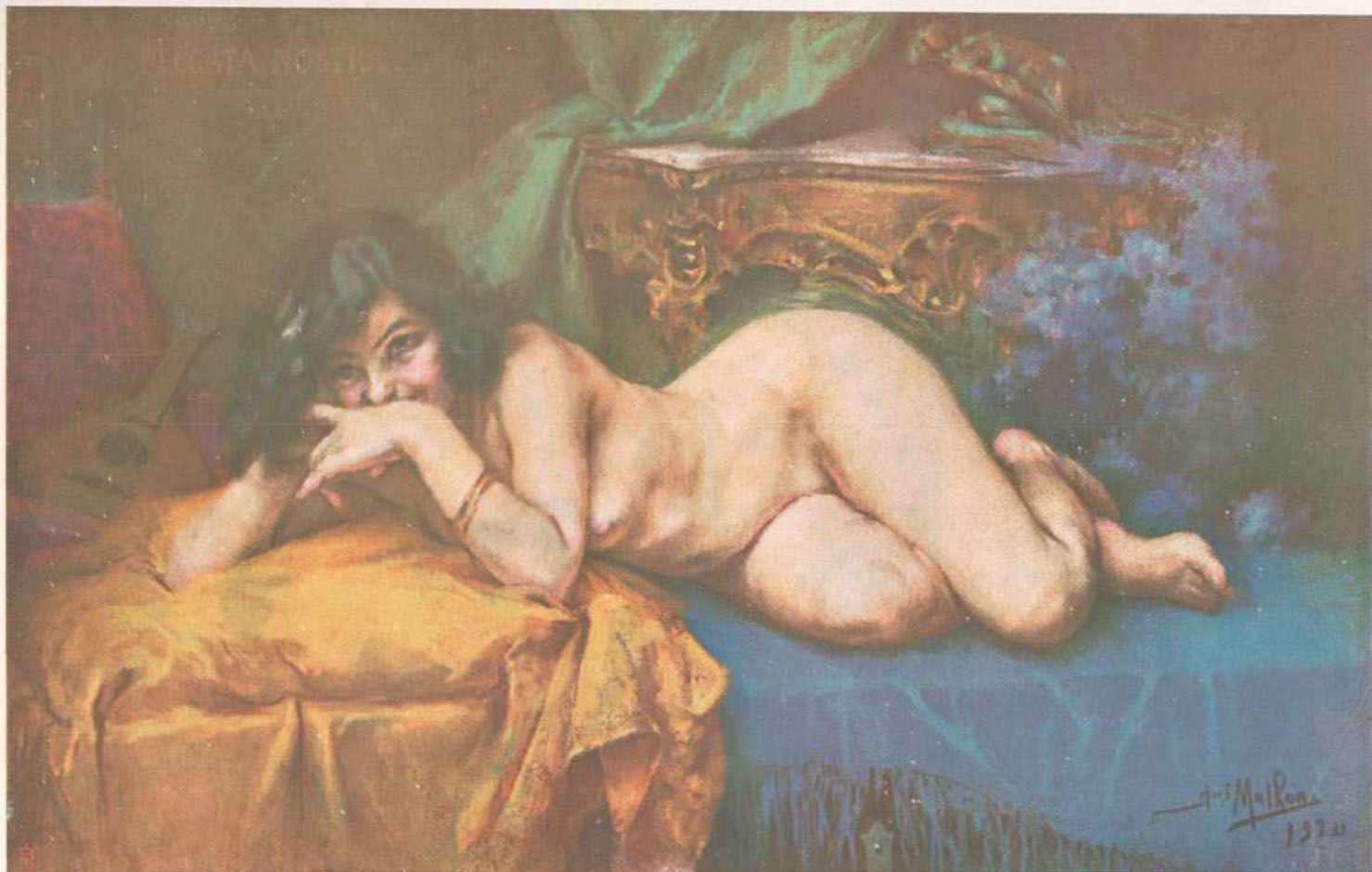
MARION — E eu posso zangar-me com ele, pois não posso?

DOUTOR X — Isso é melhor ficar para tua mãe. (MARION passa o baton pelos lábios) Pronto. A boca já está pintada. O seu braço, mademoiselle...

MARION, dando-lhe o braço. — Ah, padrinho, padrinho! O que os filhos sofrem por causa dos pais!

Júlio Dantas.





PECCATA NOSTRA. (PASTEL) DE JOSÉ MALHÓIA, 1920.

DAS COLEÇÕES DO CIDADÃO BRASILEIRO JOSÉ SALGUEIRO ESTEVES BRANDÃO



QUANDO um lisboeta pronuncia o nome de Diogo Alves recorda-se, inevitavelmente, do aqueduto das Águas Livres. Associadas, assim, a monumental obra do reinado de D. João V e a fama desse imortal do crime, quantos de nós, ao passar, noite velha, junto dos gigantescos arcos que arrastam o seu desigual zig-zag das Amoreiras às terras já limpas de casário, não julgamos ver, lá em cima, sombras que se abraçam num amplexo mortal, mãos que se enclavinham para despedaçar gargantas?... E, no entanto, raros são os que conhecem, ainda que resumidamente, a história do malfeitor. É que decorreram já noventa anos, período mais que suficiente para esbater a recordação de outros homens e sucessos de maior transcendência.

A verdade, porém, é que o nome de Diogo Alves se perpetuou na memória colectiva de Lisboa. De 1837, ano em que realizou o primeiro dos seus crimes de categoria, até hoje, Lisboa foi teatro de revoluções e guerras civis, de festas memoráveis e inovações profundas. Mas o olvido recorriu a esses acontecimentos enquanto que permaneceu vivo o mesmo nome de sempre: — Diogo Alves.

— Mas o que foi Diogo Alves?

O nome sobra. Quando muito, a tão escassa referência, associa-se o aqueduto — arcos que se abrem em robustos pilares nos muitos quilómetros do seu percurso, água que murmura, infatigável, no seu seio de granito.

Ao contrário do que se supõe, Diogo Alves não era português. De família pobre mas honrada, nasceu em Santa Gertrudes, na província espanhola de Lugo, em 1810. Quando contava 13 anos, já meio criado, tomou o caminho de Lisboa, a exemplo de tantos outros compatriotas seus. Sério, trabalhador, logrou colocação numa das casas opulentas de Lisboa. Primeiro, cavalariço, depois trintanário, tantas qualidades revelou e tão simpático se tornava que bem cedo, ao redor dos vinte anos, conseguiu posto de boleceiro. Neste ofício, tornou-se afamado: ao aban-

donar uma casa, só lhe restava o trabalho de escolher entre as muitas que se lhe ofereciam.

Cresceu Diogo Alves em crédito e consideração. Homem cegamente cumpridor da sua palavra, em várias circunstâncias obteve o empréstimo, sob palavra, de quantias avultadas. Quem não adivinharia, no boleceiro activo e ambicioso, manhoso frequentador de feiras, onde trocava e adquiria cavalos para revenda, o tipo tradicional do galego, rico à força de pertinácia e duras fainas?

Mas não aconteceu assim. Jovem, saudável, pleno de apetites, a amizade com os homens grosseiros e de baixo estôfo que abundavam no seu mister, iniciou o boleceiro Diogo Alves em práticas viciosas de todo o jaez. O que começara pela ingestão de uns inofensivos

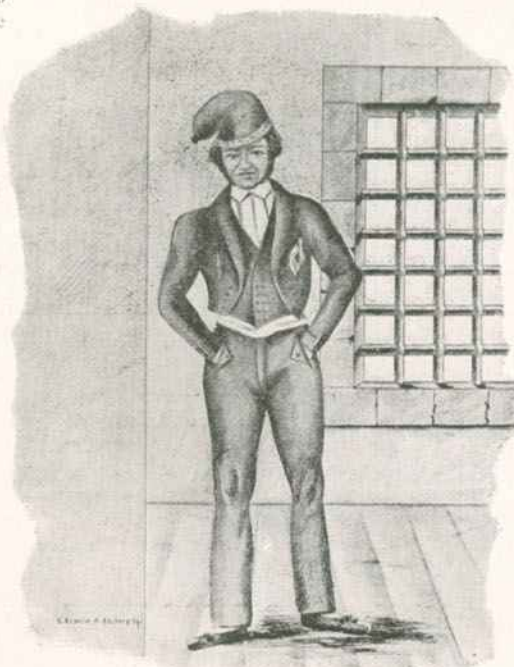
copos de vinho, concluiu na alcoolização crónica. Feito um borracho, fêz-se ainda um lascivo. De activo, tornou-se mandrião. De servo humilde, vagabundo orgulhoso. Perdida a anterior reputação, não havia casa que o quisesse. E se alguma encontrava, por acaso, logo a perdia, embriagado permanentemente, sempre metido em tavernas onde, por entre o vinho e o jôgo, deixava transcorrer o tempo.

Em Palhavã, na azinhaga das Águas Boas, havia então uma barraca de «comes e bebes», que gozava da pior fama. Pertença de uma megera de tigrinos sentimentos, a Parreirinha, nesta encontrou Diogo Alves uma amante e cúmplice. Na loja, o quartel-general da vida de crimes que iniciara.

Naqueles tempos, mal servidos os arredores de Lisboa de estradas, o aqueduto das Águas Livres ainda era o melhor caminho. Sem lama nem risco de queda, usavam os saíões percorrê-lo assiduamente, para vir a Lisboa. Porém, aí por 1837, esse pacífico tráfego começou a ser perturbado por crimes espantosos e que jamais foram esclarecidos. Certo é que, junto ao arco maior, banhado nos seus pilares pela ribeira de Alcântara, apareciam cadáveres com sinais evidentes de haverem sido despeñados daquela enorme altura.

Ainda que a voz do povo, que é a voz de Deus, seguindo o conhecido prolóquio latino, insistisse em acusar Diogo Alves, nunca foi possível obter a indispensável prova jurídica. Mas tão evidente aparecia a sua nefanda autoria aos olhos do vulgo que, desde então, ficou na linguagem popular o conhecido dito: — *Tem mais sorte que Diogo Alves.*

Quando, cometidos outros horrorosos assassinios, em que a responsabilidade do antigo boleceiro se apresentava, de um modo esmagadoramente claro, ele compareceu ante a justiça, veio de Bragança a Lisboa um homem que, tempos atrás, vira a sua vida em risco quando atravessava o aqueduto. Ora ele, ao contemplar Diogo Alves, reconheceu-o como sendo o indivíduo que o assaltara para o matar como a tantos outros infelizes.



O Celebre Diogo Alves, indiciado como Auctor do roubo e barbaros assassinatos, perpetrados em toda a familia do D. An. diade, com circumstancias de que não á comemoradas na Estatistica dos J. L. Cidades de guerra, e da 1844 CRIMES Off. (Luz e T. de B. 12

Na calçada da Estrêla residia uma velha estancadeira chamada Antônia Maria, que na vizinhança passava por possuir razoável pecúlio. Visitava-a freqüentemente uma mulher do povo, vestida de bons panos e adornada com massigos anéis e corrente de ouro. Queixosa sempre da fadiga que sentia em subir a íngreme calçada, logrou alugar o andar superior à loja em que estava instalada o estanco.

Contente com tão boa vizinhança, a pobre velhota seguiu na sua vida de trabalho e de economias. Uma noite, porém, despertou um pouco contra vontade, para reconhecer que se encontrava amarrada ao leito de pés e mãos. Convencida de que ia morrer, encomendou-se a Deus. E, ao fazê-lo, viu, através de um escasso fio de luz que a venda deixava a descoberto, um quadrilátero aberto no tecto. Compreendeu, então, tudo. Os passos que sentia por toda a loja eram dos seus vizinhos. Atenta, ouviu-os rebuscar em todos os recantos, até darem com o esconderijo em que acumulara cerca de um conto de réis em lindas moedas de ouro. Mais temerosa do roubo do que da morte, a pobre Antônia Maria desmaiou então. Quando voltou a si, conseguiu fazer-se socorrer e chamar a polícia. Porém, dos habilidosos gatumos, não havia vestígios. Só mais tarde, quando do memorável julgamento de Diogo Alves e da sua quadrilha, a velhota reconheceu na *Parceirinha* a vizinha do andar superior.

Quantos delitos cometera, até então, Diogo Alves, não constituíam senão os preliminares do seu crime capital. Em resumidas palavras, vamos descrevê-lo. Em certo prédio da rua das Flores vivia o médico Pedro de Andrade, homem incansável, que dispunha de larga clientela. Muito amigo de dinheiro e contando entre os seus doentes pessoas abastadas, que pagavam bem, depressa logrou fama de rico em toda Lisboa.

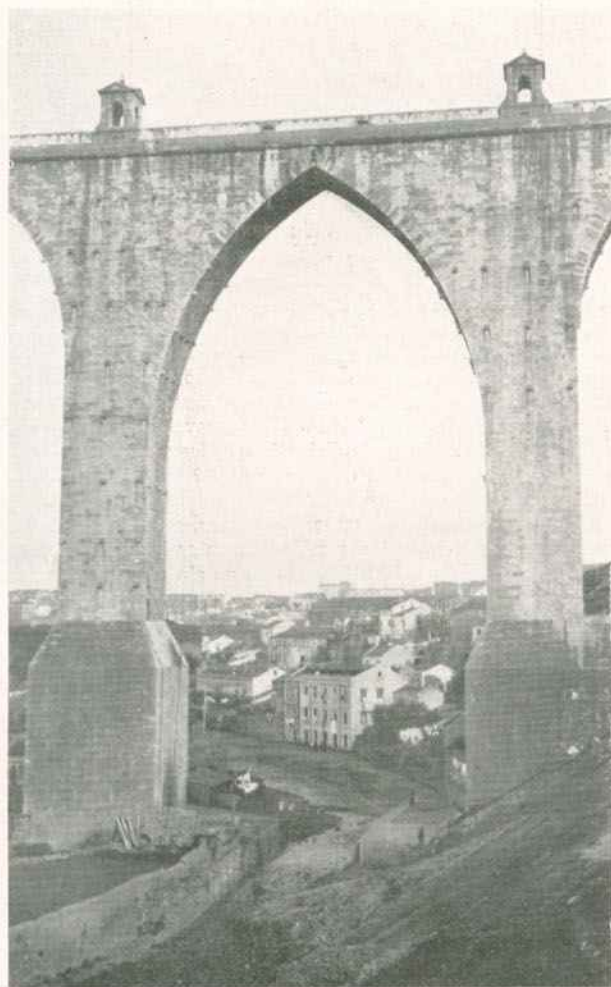
Sempre temeroso de ladrões, desprovida como a capital então estava de um serviço de polícia, por meio de que fosse, fizera chapear as portas de grossas ferragens e guardava os haveres em pesada burra dentro de uma espécie de casa-forte. Para maior segurança, o dr. Andrade dormia acompanhado de uma pistola de dois canos, devidamente carregada. Em sua companhia, viviam uma senhora, D. Maria da Conceição Correia Mourão, suas filhas Emília e Vicência, de 18 e de 17 anos, e seu filho José Elias Correia Mourão. Este último, regressara no dia do crime, 26 de Setembro de 1839, da sua primeira viagem náutica, acontecimento que se celebrava com um jantar de festa, a que o dr. Andrade não assistia por ter ido para Carcavelos. Servidos pelo criado da casa, Manuel Alves, entregaram-se os comensais às naturais e familiares alegrias com que, então, se comemorava o bom coramento de uma viagem. Mas, quando o jovem Correia Mourão acabava de descrever as estranhas terras que visitara, a casa de jantar foi, de súbito, invadida por quatro homens armados.

Na manhã seguinte, ao subir o padeiro,

como de costume, a escada, ficou surpreendido por ver aberta de par em par uma porta que sempre conhecera cerrada com o maior cuidado. Chamou as autoridades, às quais se ofereceu o mais apavorante dos espectáculos. Por entre cadeiras partidas, pratos quebrados, viandas esparsas, jaziam, banhados em sangue, quatro cadáveres. A desventurada família fôra toda trucidada, o roubo ascendia a cinco contos daquele tempo e os assassinos não haviam deixado vestígios.

Mas que fôra feito do criado da casa, de Manuel Alves?

Pelo esclarecimento deste crime, que fizera estremecer Lisboa inteira de espanto e ira, tomou especial interesse o juiz Bacelar. Veri-



O ARCO MAIOR DO AJUDADO, DONDE DIOGO ALVES LANÇAVA AS SUAS VÍTIMAS

ficada a falta do servo, depressa averiguou o magistrado que, na conhecida Praça da Alegria, estava estabelecido, com celeiro, um seu primo de nome Antônio Martins. Interrogado, simulou o juiz convencer-se da sua inocência. Fê-lo porém vigiar desde então.

Fôra este o indutor do crime, estabelecendo relações entre seu primo e Diogo Alves. Cometida a façanha, durante dias guardou o parente no celeiro, até que a quadrilha o levou para outro ponto mais recatado. Temerosos, porém, de uma denúncia, tão remordido pelos remorsos o viam, resolveram os facinorosos arrancar-lhe também a vida. Para isso, convidaram-no para um banquete de despedida, pois o haviam convencido da ne-

cessidade de fugir para Espanha. Bem comido e bebido, Manuel Alves recolheu à cama já embriagado, e Diogo Alves encarregou-se de o estrangular com uma correia, enquanto outro cúmplice, o João das Pedras, alcunhado o *Enterrador*, lhe desfazia o crânio com uma brutal mocada. Prêso este criminoso dias depois, devido a uma vulgar desordem, escreveu ao Antônio Martins a pedir dinheiro. Activou-se a correspondência entre os dois e, vigiado como estava o proprietário do celeiro, depressa o juiz Bacelar adquiriu a convicção de ser o *Enterrador* um dos autores do crime.

Obtida a confissão deste, apurou-se a composição da quadrilha toda, incluindo o Antônio Martins: — Diogo Alves e a *Parceirinha*, Antônio Palhares, de infantaria 7, Joaquim da Silva, o *Beijo-Rachado*, tambor de infantaria 10, e outros personagens secundários, que não tinham intervido no crime. Feitas as provas respectivas, o julgamento efectuou-se, a 13 de Julho de 1840, no edifício em que hoje está o quartel dos Paulistas, sendo condenados Diogo Alves e Antônio Martins à morte, e a amante a degredo perpétuo. Quanto aos militares Antônio Palhares e Joaquim da Silva, submetidos ao tribunal respectivo, foram condenados, também, à morte, precedida de exautoração. Esta, realizou-se na parada do Castelo de S. Jorge, com todos os pormenores de tão impressionante cerimónia.

Cinco meses decorridos sobre o julgamento de Diogo Alves, a 11 de Dezembro de 1840, o povo, reunido no Cais do Têjo, presenciou a execução de Joaquim da Silva, por alcunha o *Beijo-Rachado*, e de Antônio Palhares. O segundo vestiu, por entre sarcasmos, a alva dos condenados à pena última, e, de caminho para a fôrca, ao ver entre a multidão algum desconhecido, despedia-se com grandes risadas. Porém, ao ver a fôrca, empalideceu como um cadáver e trocou a coragem pelo maior dos pavores. O *Beijo-Rachado* mostrou sempre, pelo contrário, um grande medo.

Em Fevereiro do ano seguinte, no dia 19, chegou a vez a Diogo Alves Antônio Martins. Após os três dias de oratório, seguiram do Limoeiro para o mesmo Cais do Têjo, por entre a população inteira de Lisboa. O antigo boleeiro, procurava mostrar-se indiferente e caminhava com certa firmeza, afastando, de quando em quando, as melenas que lhe caíam nos olhos. O outro, abatidíssimo, caminhava com passo vacilante e incerto. Diogo Alves foi o primeiro a morrer. Ajudado a subir a terrível escada pelos ajudantes do verdugo, ao perguntar *E aqui?* nem tempo já teve para responder. Segundos depois, balouçava no extremo da corda.

A execução de Antônio Martins, feita com igual rapidez, completou o sinistro espectáculo.

Assim viveu e morreu Diogo Alves, que deixou este mundo, com 31 anos incompletos.

Soliloquios e Comentários



1932. Um novo ano que chega para substituir um velho ano que parte. Mas não aqueçam ilusões. Ele será, aí de nós, igual ou pior do que o que deu a alma ao Criador. O Homem continuará ansioso a buscar os meios de se exterminar. Os engenheiros pensam no novo carro de assalto para que nada há intransponível; os químicos sonharão a morte em série, com miríficas granadas de gás letal. A Bôlsa, barômetro de oiro, continuará a marcar aos homens e aos países, a Morte e a Ruína. A Avariose, a Tuberculose e o Cancro continuarão a ser os grandes fornecedores da Morte. A multidão não terá Rei nem Roque. A Rússia continuará a ensaiar à foicada e à martelada a Árvore da Vida Nova regada com sangue. Na Terra, no Mar e no Céu não haverá Paz porque a Angústia dominará o Mundo. O Homem será pior e a Mulher sua concorrente e inimiga. E não mais serão felizes. Subirão dia a dia os degraus da escada da Vida cada vez mais desolados. Chegados ao cimo a Morte precipita-os no vácuo. E, imperturbável, o Tempo arranca ao calendário dos séculos mais a folha de um ano e atira-a fora, inútil, desprezada, pela larga janela da Eternidade.

EM Paris, um grupo de artistas pintores decidiu trocar os seus quadros por gêneros e utensílios indispensáveis à vida. Assim, um quadro pode valer de um arroba de carvão a um estanco de tabaco, ou de um quilo de manteiga a uma mobília de quarto. Acharmos bem. Nós também tôda a vida trocamos livros e artigos por comida, roupa, calçado, etc. Mas como temos pouco jeito para o negócio, encarregamos o Dinheiro de fazer a transacção...

UMA lei recente determina que não possam safr do país incunábulo, livros raros, obras de arte, etc. A lei é boa, a lei é ótima, a lei é maravilhosa, mas não serve para nada.

Porque já se foi tudo embora.

ANDA meio mundo atarefado para colocar a seu gosto o Palácio da Justiça, querendo a maioria carregar com ele para o Parque Eduardo VII. É uma ideia negregada essa, mas, como é má, deve levar-se a efeito. No Parque Eduardo VII! Viva o luxo! Vamos ter uma Justiça cara e vamos ter no Parque um viveiro de criaturas daquelas que, quando nos interceptam a passagem, fazem da linha curva o caminho mais curto entre dois pontos. A Justiça! Da Boa Hora, da Relação, do Supremo, do Cível ou do Crime, de farda ou de toga! Temos de fazer o possível por não visitar-mos o seu Palácio...

QUANDO tomamos para ler um livro romântico, não temos remémbrar que gradado mui do idealismo materialista, tornando-se, em frios, calpiedosos. De destruído o escava o Lar. E rece aintico-heretula faz auto de fé sões e garmente a espécie de entre os antropófagos, que êstes tivessem acabado por tentar converter à sua lei.

A vida é luta, diz um filósofo barato. Nem sempre. Às vezes é habilidade e bom-humor.

A propósito: faz-se o elogio de tudo, da ambição, do talento, da cama e da mesa, da aviação e da mala-posta, — e ainda não se fez o elogio do bom-humor. Pois o bom-humor é tudo e um homem que na vida conserve o seu bom-humor é invencível. O bom-humor é ao mesmo tempo concordância com os amigos e desprezo pelos inimigos; apoteose na vitória e consolo na derrota; força que tranquiliza, fonte que refrigera, fogo que acalenta e vivifica. Só podem ter bom-humor as almas fortes, calmas e sossegadas. Só podem refugiar-se à sombra dos seus nervos tranqüilos os que não se importam para nada com a Felicidade alheia, cultivando a própria, e não têm a aza negra do Remorso a povoar-lhes o sono de mil torturas e aflições. O Bom-humor! Pois há gente que daria,

para o ter, tôda a vida de mau-humor que arrasta.

ENVELHECEMOS rapidamente demais. Ainda há pouco, quando as mulheres usavam a saia pelo joelho, um figurino de saias pelo sapato parecia-nos uma coisa remota, caduca, — e pensávamos: Como isto era velho e deselegante!

Mas a moda passou. Voltou a das saias até aos pés. E agora, agarrando num figurino do ano passado, a gente pensa: Mas como é, Deus nosso! que estas mulheres tinham o gosto idiota de se vestir assim!

OFrio! É um belo elemento decorativo nas alegorias ao inverno. Sentido é uma indesejável e nefanda sensação.

EM Paris acaba de publicar-se, com capa a cores e trinta desenhos de Bernard Roy, *Os Lusíadas*. É o sétimo volume da colecção *Lumen Animi*, e mostra que a Exposição começa a dar frutos. Onde se conclui que jamais alguém colheu que não tivesse semeado.

TAMBÉM está na ordem do dia para reedições o Daudet. Nada menos do que 40 ans de *Paris* e *Le Nabab*. Não há dúvida. Os bons espíritos fartos da prosa de hoje, sem suco nem alma, refugiam-se na dos grandes que ainda ninguém substituiu. E, meu amado Daudet, chego a desconfiar, pelo caminho que as coisas levam, que ninguém tão cedo te substituirá. E, ainda pelo caminho que as coisas levam, não tarda que seja um grande homem o Perez Escrich...

LEITURAS ALHEIAS

UMA anedota do livro do Conselheiro XX, brasileiro, *Alcova e Salão*, e que eu não resisto à tentação de transcrever. Chama-se *O frango e o guloso*.

«O velho marqués de La Rochefucoisa, grande fortuneiro, comprou os lindos vestidos, que o dia, tem os de franqueza, e diz-lhe a verdade.

—Que tem uma coisa com a outra, filha? — observa-lhe, calmo, o velho mundano. — Todo o dia eu vou ao «restaurant», e como frango... Como, porque gosto de frango...

É rindo:

—Que me importa que o frango não goste de mim?»

Albino Forjaz de Sampaio.





A «EQUIPE» NACIONAL DE «FOOT-BALL» QUE FATEU A BÉLGICA

desportos

JUIZO DO ANO

No abismo insondável do passado caiu um ano mais; e as esperanças que floriam em nosso peito, ao seu alvorecer, somem-se com êle, desfeitas em amargas desilusões ou revivendo num rasto perfumado de cálida saudade.

Ao despontar de 1932, como ao transpôr o umbral de uma porta que automaticamente se vai cerrar atrás de nós, e na nossa frente se abriu sobre o desconhecido, hesita-nos a vontade entre o desejo de perscrutar os novos horizontes antevistos e a tentação de lançar para o passado, que vai sumir-se, um último olhar de revisão.

A meia noite do dia de S. Silvestre o tempo, escriptorário clássico dos acontecimentos de toda a espécie da actividade humana, riscou sob a última linha do seu registo o traço que encerra um balanço, e voltou a página para abrir nova ficha.

A curiosidade, sentimento for-

tíssimo em todo o género humano, e que só o egoísmo masculino apresenta como peculiar às mulheres, vence a nossa hesitação na solemnidade do momento, obrigando-nos a rever pela última vez o passado que morre, já que 365 dias nos esperam para acompanhar a evolução do ano que desponta.

Este 1931 não me parece que venha a figurar com honrosas referências nos anais da actividade desportiva portuguesa; foi mesmo, para certas modalidades, um ano desgraçado.

herança nefasta que lhe coubera do antecessor, ennegrece-lhe a memória.

Directa ou indirectamente toda a vida desportiva portuguesa se ressentiu do malfadado conflito, agravado de questões secundárias nêle enxertadas por espíritos mesquinhos.

É claro que a vítima principal foi o pobre *foot-ball*, que viu desaparecer a sua situação independente e passou de desporto rico a desporto arruinado. Grande era a nau, enorme foi a tormenta; e agora, que ela singra de novo num mar calmo, mas desmastreada e sofrendo das avarias do temporal, confiamos na pericia dos seus pilotos, prestando-lhes apoio moral e facilitando-lhes a missão, para que breve se desfraldem de novo ao sol dourado da glória as velas triunfais do *foot-ball* português.

Verifica-se, no entanto, que era tal a vitalidade do desporto da bola redonda que êle conseguiu ainda resistir sem dano à primeira época do assalto devastador. A simpatia do público conservou-se-lhe fiel em grande



A «EQUIPE» DE ATLETISMO DE LISBOA, VENCEDORA DO PÓRTO E DE SETÚBAL

A tremenda tempestade que assolou durante a sua passagem o mundo do *foot-ball*,

parte, garantindo o êxito das principais competições, e foi necessário um excesso inconcebível do mau tacto dirigente de certos pontífices para que o bom povo se zangasse e fizesse valer os seus direitos, impondo uma solução que de há muito lhe devia ter sido espontaneamente oferecida.

A época inter-



A «EQUIPE» DE LISBOA DE «RUGBY» QUE BATIU POR DUAS VEZES O PÓRTO

nacional de 1931 abrangeu três encontros, duas derrotas e uma vitória; dadas as circunstâncias, o balanço é bastante lisonjeiro, tanto mais quanto honrosos foram os desaires: 1-0 da Espanha, o nosso segundo melhor resultado contra a nação irmã, e 2-0 da Itália numa tarde de cinzenta inspiração.

Nos anais do desporto fica como uma mancha negra indelével a determinação da Associação de Football de Lisboa negando aos seus jogadores o direito de defender as cores do país, não hesitando em sacrificar os interesses superiores do desporto nacional ao prazer de aumentar as dificuldades dos adversários.

A justiça do destino frustrou-lhes os intentos, e a época encorreu com uma agradável vitória, 3-2 sobre a Bélgica, que salvaguardou os brios das tradições portuguesas.

Tivemos um campeão de Portugal, o Benfica, que por defender seus títulos foi vítima das iras adversárias, e um campeão de Lisboa, o Sporting, que confirmou a vitória alcançada no torneio regional, triunfando de novo numa competição posterior com os mesmos rivais.

No Porto, nada de novo, pois uma vez mais o Football Club é campeão conquistando o título de 1930-1931 num jogo efectuado na época 1931-1932. Decididamente o *foot-ball* do ano findo estava destinado a tudo realizar em condições anormais.

Antes de passarmos à análise de outras modalidades desportivas, registemos com agrado o honroso convite feito pela Federação Espanhola à sua congénere portuguesa, para indicação de um árbitro que fosse dirigir a Barcelona o jogo Espanha-Irlanda.

Silvestre Rosmaninho, o técnico indicado, entra assim na escassa falange dos internacionais portugueses.

A visita do club brasileiro Vasco da Gama, que em condições normais seria um grande acontecimento e poderia ter consequências vantajosíssimas para o nosso *foot-ball*, resultou, perante a situação irritante do malfadado conflito, absolutamente inglória, falha de interesse no espírito público, e nefasta para as relações desportivas entre os dois países.

Os restantes jogos desportivos, companheiros de estação de S. M. Football, pouco luzimento conheceram.

O *rugby* foi de todos eles o que mais subiu no conceito popular, e isto por dois motivos: pela realização dos dois encontros Porto-Lisboa que iniciaram nesta modalidade a luta inter-regional, e pela vitória do Benfica no campeonato lisboeta. O título deixou assim de ser apanágio exclusivo do Sporting e tal facto, acrescido de haver sido destronado pelo mais popular dos clubes da capital, aumentou o interesse das competições futuras, atraindo aos jogos mais farta concorrência.

O *hockey* em campo foi a repetição do que fora em anos anteriores, manifestando o seu progresso mais por uma nítida difusão na-

cional do que por uma melhoria na classe de jogo.

O número de clubes praticantes aumentou sensivelmente, e sobretudo espalhou-se o *hockey* em regiões onde era desconhecido; é um importante sintoma favorável, tanto mais que se trata de um desporto caro e para o qual os nossos terrenos são absolutamente impróprios.

O *basket-ball* é o desporto que mais tem subido em popularidade e difusão, nestes últimos tempos; não exigindo grandes espaços para ser praticado e compostas as suas *equipes* apenas por cinco elementos, tornou-se o jogo de mais fácil prática e mais acessível às pequenas colectividades.

Infelizmente, parece que entre os seus dirigentes alguns são transfugas do *foot-ball* e para os seus novos cargos trouxeram os vícios e costumes que tanto mal causaram no outro campo; a resultante foi um conflito Lisboa-Fe



ZAMORA ENCAIXA UMA SOLA, RISCOZO DA CARGA DO CENTRO INGLÊS DEAN

deração cujas quências repleen-se manifestaram na ausência dos jogadores da capital na *equipe* representativa portuguesa que defrontou a França no Porto. Resultado inglório de uma política de nefastas intransigências.

A representação nacional no estrangeiro foi escassa; dos desportos que habitualmente se deslocam, o *foot-ball* não saiu de casa, facto que há anos se não verificava, e os nossos cavaleiros representaram com a usual gallardia o nome português nos poucos concursos onde a sua presença foi possível.

Pela segunda vez uma *equipe* de *hockey* em patins de rodas foi participar do campeonato da Europa, levado a efeito na Suíça, fazendo-o com relativo equilíbrio e justificando pelos resultados a sua presença no torneio.

Os esgrimistas portugueses, depositários das mais gloriosas tradições, deslocaram-se a Inglaterra a disputar um *match* à *equipe* britânica e conquistando um brilhante triunfo por 20 vitórias a 15.

Como se verifica, a nossa propaganda desportiva no estrangeiro, abandonada às suas próprias dificuldades por aqueles a quem competia instigá-la, foi deminuta mas felizmente condigna.

Poderemos ainda acrescentar à lista a participação da nossa *equipe* de tiro no Match Latino, feita *in loco*, e pouco felizes resultados.

Resta-nos falar dos desportos estivais;

acerca do atletismo tivemos já oportunidade de escrever na *Ilustração* o que pensávamos, pelo que resumimos ao mínimo a respectiva apreciação: progressos insuficientes e provando uma tendência à nivelação na curva ascensional dos anos anteriores.

Los Angeles à vista! Em todo o mundo se afirma a necessidade de representações mínimas, dada a despesa enorme que acarretam. Em Portugal não há vintem, mas um crítico jocoso, escreve que devíamos mandar lá todos

os corredores que lhe são simpáticos, para aprenderem!

Também ficará nos anais da história do ano a descoberta feita pelo mesmo técnico de um ás que foi sempre batido em todas as provas da sua especialidade.

mudar de capitães o crime de tima o indefeso com a inauguração da Liberdade, de mal encarada e em agressiva, por al- «O Discobolo», tação, sobre cujos progressos esperávamos exercesse uma acção decisiva a construção da piscina de Algés, avançou

alguns passos mas não tanto quanto seria para desejar. Temos ainda muito que aprender, e veio prová-lo a visita da *equipe* de *water-polo* do Nacional de Barcelona que firmou a sua superioridade pelos *scores* de 10-1, 6-2 e 14-1 sobre os melhores grupos de Lisboa.

Os outros desportos náuticos viveram calma existência, quasi despercebido o remo, manifestando a vela decrescimento no entusiasmo de propaganda das épocas anteriores.

O ciclismo lucrou da excelente propaganda resultante da 2.ª Volta a Portugal e viu surgir no firmamento dos ídolos uma nova estrela: José Maria Nicolau, que deve ser uma das pessoas mais conhecidas no país.

Boa actividade dos desportos mecânicos, cujas manifestações desportivas foram frequentes e lisonjeiras.

Tivemos corridas de automóveis e motos, captando a simpatia popular e a provarem o bom espírito dos dirigentes respectivos.

Também o *tennis*, merecedor da persistência e dedicação de alguns dos seus orientadores, se pode considerar progredindo, graças à ascensão de alguns jovens jogadores.

A contrapôr verifica-se que o *box* deixou de ser praticado em Portugal.

Para finalizar registemos que os intelectuais do desporto foram também mobilizados em 1931 para um interessante concurso de novelas; infelizmente este concurso foi depois atacado de encefalite letárgica e os originais dormem há oito meses o sono dos justos.



ANTES DO JOGO ESPANHIA-INGLATERRA, ZAMORA APERTA A MÃO AO CAPITÃO ADVERSÁRIO



O FRANCÊS MICHAUD, QUE VENDEU O CAMPEONATO MUNDIAL

Salazar Carreira.

PERFEITAMENTE calmos, olharam-se e sorriram. No sorriso da mulher, parecia haver, contudo, uma sombra de esforço mas, se ele o viu, procedeu como se nada notasse; mostrou sobre a mesa o dinheiro espalhado e disse devagar:

— Estás, meu amor, a tempo de romper o contrato; sabes que nada te obriga... O que aí vês é tudo quanto resta... o bastante para dois dias iguais a todos os dias destes últimos seis meses. Durante dois dias, continuaremos sendo o casal mais feliz, mais alegre e o mais afortunado que possa por aí haver; depois... será a miséria! A miséria com toda a sordidez que horroriza, a brutalidade que dói, as tentações que sujam!... A miséria!... Continuas resolvida? Preferes romper o contrato?

Ela veio para ele, alta, linda, elegante; passou-lhe o braço pelos ombros e, beijando-o com infinita ternura, murmurou a sorrir, parecendo decidida:

— Não, eu não rompo o contrato. A miséria seria o fim do nosso amor, seria uma tortura porque nos separava. Cumpra-se o que jurámos... mas... — e a sua voz tremeu — eu não julgava que chegasse tão cedo!...

— Não tens medo?
— perguntou ele.

— A teu lado eu não receio nada... nem mesmo isto! E saberei ter coragem meu amor!

O homem tomou-a nos braços e um longo momento durou o beijo que trocaram. Desprenderam-se devagar, os olhos cheios ainda de deslumbramento, e não tornaram a falar do assunto que os feria.

Juntara-os uma grande paixão e, de comum acôrdo, haviam resolvido cercar o seu amor duma auréola de glória: de todas as elegâncias, de todas as alegrias, de todas as facilidades que o dinheiro

TRAICÃO

pode dar. Tinham deixado tudo, tinham corrido mundo, nada os prendia e eram guiados pela glória das suas fantasias! Meses resplandcentes! Nem uma sombra no seu amor, nem uma discórdia. As suas almas fundiam-se como se fundiam os seus corpos saudáveis, ro-



...É TUDO QUANTO RESTA

bustos e airosos. Visitaram terras e cidades, tudo os encantava e viviam descuidados e radiosos, rodeados de esplendor, num círculo de louvores.

Um dia reflectiram e ambos, de mãos entrelaçadas, espreitaram o futuro. Não eram ricos e dispunham da fortuna com o soberbo desprezo de príncipes. Reflectindo compreenderam que breve se encontrariam perante a realidade que terminaria o sonho, e a realidade era... a miséria! Contra ela se rebelaram orgulhosamente os seus instintos generosos. Sondaram-na

de longe e pareceu-lhes intolerável. Estudaram-na e viram nela o fim, a morte do seu amor. Ele, sem hesitar, propusera o terrível contrato, e ela, num entusiasmo de renúncia e paixão, bebendo-lhe as palavras de morte em plena alegria da vida, aceitara a louca proposta.

Medo?... Eles só tinham medo à miséria que os afastaria e os amesquinharia, e rindo tranqüilamente na segurança da hora presente, juraram morrer no dia em

que, frente a frente, se encontrassem com ela.

E o tempo, como gotas que caem, contara seis meses de triunfo e de amor... E o dia chegara!

Esse dia foi soberbo. Ora sós, ora rodeados por amigos e por admiradores, o passaram em alegria. Para o terminar deram uma festa brilhante. Os seus olhos, por vezes, cruzavam-se com uma magnífica e serena adoração... mas existia nela um estranho fulgor de febre. Riram e dansaram, e ouviram cantos e música. Rasgado e discreto um côro de admiração subia em tórno deles. Mas, à medida que as horas implacáveis se esfolhavam, ele via cavar-se sob os olhos que adorava as olheiras sombrias do terror, e nos sorrisos que ela lhe atirava ele sentia tremer toda a revolta da carne.

Um infinito dó varou-lhe o coração, mas não disse nada.

Mais tarde, nos seus aposentos suntuosos, tiveram como nunca uma noite de amor!

De madrugada o homem ergueu-se, sorriu ao contemplar a beleza adormecida da sua companheira; depois, vergando os ombros, deixou-a. Durante horas escreveu... rasgava... começava. Por fim releu o seu trabalho e respirou. Tendo chamado um criado, entregou-lhe uma carta dando-lhe ordens explícitas e vol-

tou ao lindo quarto onde a sua companheira despertava.

Um momento ela olhou-o, esquecida de tudo, e de repente, cruzando as finas mãos sobre a brancura do peito, soltou um leve gemido:

— Hoje! ?...

Sentado à beira da cama, sorrindo, tomou-a nos braços como a uma criança, e falava-lhe ao ouvido, confortando-a, dando-lhe coragem, e ela sorria o seu trêmulo sorriso, afirmando, desculpando-se:

— Sim! Sim! É melhor! Tem de ser... mas... tenho medo! Querido, tenho tanto medo!...

Um momento ele demorou pensativo, espreitando, pesando o futuro — Que seria dela de frente da miséria?! Qual o caminho aberto que lhe deixava a vida? Pobre, linda, inútil para tudo a não ser para amar e ser bela... só um! e ele sabia qual!... Não! Tudo era preferível... Tudo!

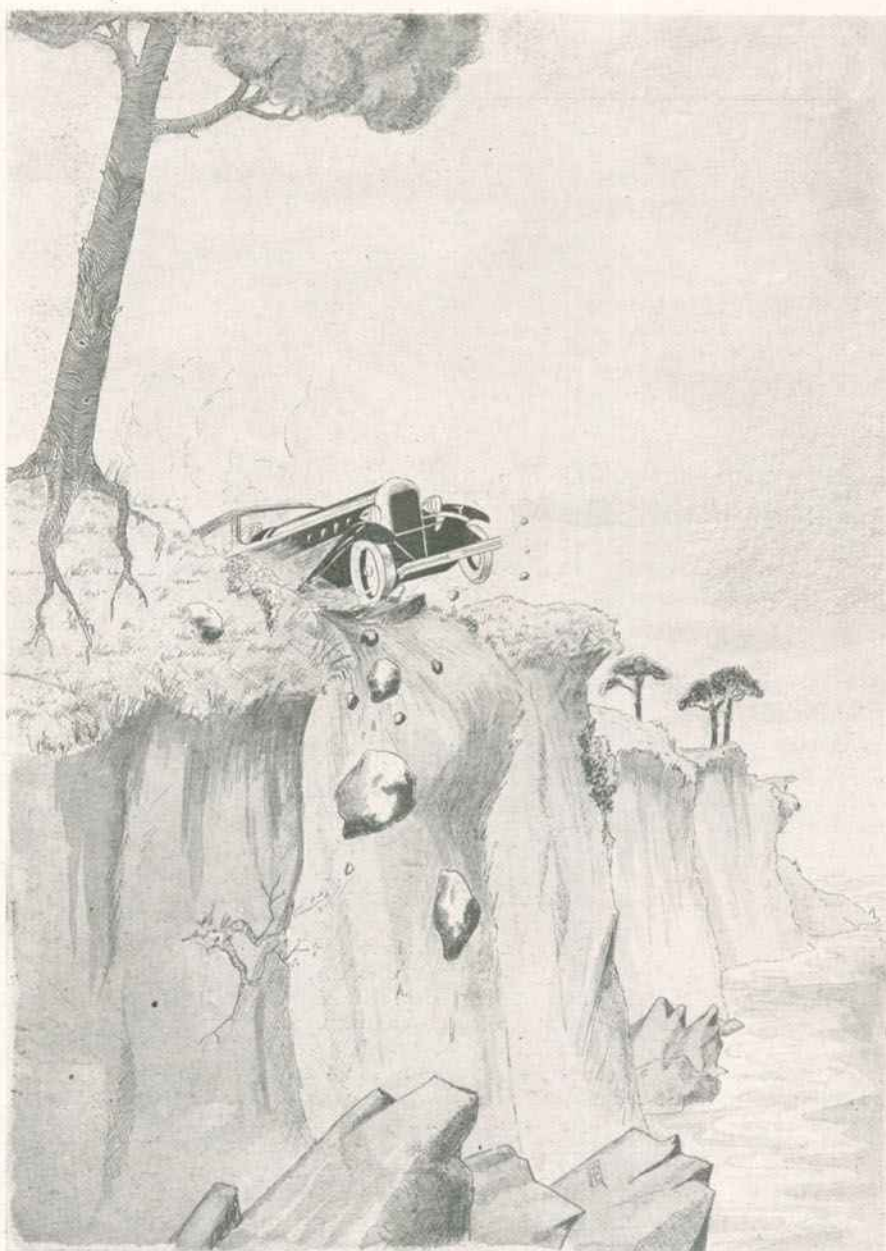
Nesse instante, discretamente, alguém bateu à porta. Ele ouviu e sorria. Era o criado a quem dera ordens explícitas. Sobre uma salva trazia-lhe cartas e jornais. Olhando uma das cartas soltou uma exclamação. Ela interrogava-o com os seus lindos olhos cheios de terror. O homem lia e transfigurava-se à leitura brandando entrecortadamente:

— Prodigioso!... Prodigioso!... Isto é incrível! É uma bênção do céu! — e de repente riu alto, um riso de vitória contendo tanta alegria e um tão imenso alívio que ela quase desmaiou na certeza duma grande felicidade que a vinha salvar de tudo!

— Oh! meu amor — dizia ele erguendo a carta. — Oh! meu amor, minha vida! Deu-se um milagre! — E perante a súplica ardente dos olhos da mulher, precipitou as suas explicações. — Salvos! Ricos! Ricos como nunca! Uma herança! Uma louca, magnífica, inesperada herança! — E deu-lhe detalhes prodigiosos.

Foi uma hora de alegria sem par! Tomaram decisões, edificaram planos! Ela chorava e ria de alívio e ia pelo quarto, envolta em roupas preciosas, tonta de felicidade!

Resolveram ir almoçar, longe, num sítio que sabiam, um terraço sobre o mar, assombrado de grandes pinheiros mansos. Ele daria as ordens, os vinhos mais raros seriam bebidos a um futuro



UM BRUSCO GOLPE DE VOLANTE

de encanto! Depois iriam ao joalheiro e aquela célebre esmeralda seria dela! E à noite convidariam cem amigos! Ah! a glória, o triunfo daquela hora!

Momentos mais tarde, sob o azul esplêndido do grande céu de verão, o carro magnífico rugia e cantava nas curvas da estrada. As verduras reluziam, o sol deramava calor e alegria. Ele, ao volante, ela toda apertada contra ele, bebendo a pureza do ar, absorvendo o vento delicioso carregado da fragrância da serra e o vivo aroma do mar que, cem metros abaixo, desabava com surdo estrondo, em lençóis e jactos de espuma, batendo as arestas formidáveis da penedra hostil da alta vertente da costa de granito!

Ah! como ela ia feliz na luminosa manhã, encostada ao ombro do seu amor! Ah! o pesadelo atroz da véspera e da noite! Deus fôra misericordioso! Que boa! Que doce era a vida! Juntou-se mais a ele, louca de felicidade. Atento à estrada perigosa, ele olhou-a de soslaio e sorriu-lhe... Instintivamente ela estendeu a boca...

O beijo começado não acabou. Um brusco golpe de volante, um formidável arranque do carro poderoso, um grito que se perdeu, algumas pedras que rolaram ressaltando com fragor na penedra... A longa estrada deserta e, no sopé da encosta, o eterno assalto das ondas.

António Eça de Queiroz.

ACTUALIDADES



ASPECTO DO «BÁLE DANCANTES» DE CARIDADE, REALIZADO NOS SALÕES DA LIGA NAVAL PORTUGUESA, NA TARDE DE 26 DE DEZEMBRO ÚLTIMO, A FAVOR DO CORPO DE BENEFICÊNCIA DA «CASA DA MADREIRA», POR INICIATIVA DE UMA COMISSÃO DE SENHORAS DA NOSSA MELHOR SOCIEDADE

A HOMENAGEM PRESTADA PELA DIRECÇÃO DA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DOS LOJISTAS DE LISBOA, EM 27 DE DEZEMBRO FINDO, AO SR. DR. JOÃO CATANHO DE MEENSES, SÓCIO HONORÁRIO DA MESMA COLECTIVIDADE E EMINENTE JURISCONSULTO, O QUAL SE YÉ A MEO DO GRUPO QUE PUBLICAMOS. A REFERIDA HOMENAGEM CONSISTIU NA INAUGURAÇÃO DO RETRATO DO SR. DR. CATANHO DE MEENSES E DA ENTREGA DE UMA MENSAGEM ASSINADA POR TODO O COMÉRCIO PORTUGUÊS

NO SALÃO NOBRE DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS LISBOENSES — ASPECTO DA ASSISTÊNCIA AO ANIMADO BALE QUE, EM 27 DE DEZEMBRO FINDO, SE SEGUITO À DISTRIBUIÇÃO DE VESTUÁRIO COMPLETO, CALÇADO, BRINQUINHOS E LANCHE, A 50 CRIANÇAS POBRES. ESTA SIMPÁTICA FESTA FOI PROMOVIDA PELA SOCIEDADE DE BENEFICÊNCIA «A LAVETTE»



Ao passo que na maioria das suas actuais tendências o fonocinema ensaia ainda, com hesitações, estilos e fórmulas mais ou menos bem sucedidos, um género há em que parece ter atingido a plena posse das suas faculdades, dos seus meios de expressão — a cine-opereta.

O que se encontra já realizado neste género representa, na nossa opinião, a utilização total dos meios proporcionados ao realizador pelo cinema sonoro. Outros lhe restam ainda, decerto, que não deixarão de encontrar a sua aplicação em fórmulas diferentes da arte cinematográfica. Mas a virtuosidade atingida em algumas obras deste género, embora sem impôr limites à sua multiplicação, apresenta-nos a segurança técnica e a abundância de recursos que caracterizam qualquer modalidade de arte em estado de maturação perfeito.

Tem sido muitas vezes contestado à opereta, e mais ainda à cine-opereta, a qualidade de obras de arte. Em estética, as definições são sempre imprecisas, e a essência íntima da arte escapa-se sempre de entre as palavras em que se pretende habilmente encerrá-la. Nada nos prova, contudo, mesmo dentro dos mais ortodoxos critérios, que a opereta não seja uma arte, e uma arte cheia de subtilidades. O seu convencionalismo, o ilogismo de que se reveste quasi sempre não podem servir de argumento para lhe impugnar a qualidade de obra de arte. A arte é sempre convencional. Mas que essa qualidade lhe seja reconhecida ou não, o seu valor como espectáculo permanece incontestável, e o facto de ter atingido a plenitude dos seus meios de expressão não oferece também, quanto a nós, dúvidas.

Foi uma opereta — *Um sonho cor-de-rosa* — que impôs o fonocinema, definitivamente, à consideração do público, entre nós sempre pouco inclinado a aceitar inovações. E, passado tanto tempo já, o seu sucesso não esqueceu ainda por completo aos que se interessam por cinema. Vieram mais tarde *O caminho do paraíso*, *A parada do amor*, *O milhão*, *Monte-Carlo* e tantos outros. Não é, talvez, imprudente afirmar que a cine-opereta, pela sua música, pela sua leveza, pela facilidade com que pode ser assimilada, deci-

Cinema

Revista das estreias

diu da sorte do cinema sonoro, entre nós. Todas as suas incontestáveis faculdades, que bastariam para o impôr na América, seriam incapazes de vencer a indiferença do público por diálogos que não entende. Proporcionando-lhe um género novo de espectáculo, re-

precedentes. Seria fácil notar-lhe anacronismos, inverosimilhanças ou faltas de lógica. Mas a melhor qualidade destes filmes consiste, justamente, em escaparem a uma análise metódica. Seria inútil sublinhar erros históricos ou acentuar o ilogismo do seu entrecho. Tudo isso esquece quando, corrida a última bobine, a luz volta a acender-se na sala. O que fica, o que recorda depois é o maravilhoso comentário musical feito às imagens, o ambiente de encantador optimismo desse mundo estranho onde não há vilões e onde os czares magnânicos fazem a felicidade das luveiras ingénnas. Onde cada aspecto da vida tem um paralelo musical risonho, nessa música que não tem tons graves e que desconhece, por isso, os sentimentos fortes e violentos.

O filme tem a animá-lo, a graça travessa e a deliciosa fragilidade de Lillian Harvey. E ninguém como ela sabe interpretar essas figuras gentis de opereta — que, longe das contingências humanas, vivem uma vida de prodígios entre os ritmos alegres duma música que apeetece recordar.

Num género totalmente diverso, o optimismo fez-se também representar por uma comédia de Harold, o cómico optimista por excelência.

Mesmo repetindo *gags* já conhecidos de algumas obras anteriores do mesmo artista, — o que vêm mais uma vez provar quanto a vida se vai tornando difícil aos grandes cómicos — *Harold trepa-trepa* é uma excelente comédia em que abundam os motivos de gargalhada. O argumento, igual ao de todos os filmes de Harold, coloca-o mais uma vez em situações de precário equilíbrio que têm, como sempre,

um feliz desenlace. E no final de cada peripécia o seu sorriso largo emoldurado em aros de tartaruga confirma o seu inabalável optimismo, a sua atitude característica em face da vida que nunca deixa de lhe proporcionar a oportunidade necessária.

Dum modo geral, pode dizer-se que o ano de 1931 termina, cinematograficamente, bem. O que agora começa é, por enquanto, bastante sóbrio de promessas. Muito contribuem para isso a grave crise económica e a desorientação que se adivinha entre os exibidores.

Manuel L. Rodrigues.



ANITA PAGE, DA «METROS», TEM UMA ESPECIAL PREDILEÇÃO PELOS COSTUMES MEXICANOS

cheado de vida, de alegria, de optimismo, a cine-opereta conquistou o público e assegurou ao cinema sonoro um lugar definitivo como espectáculo predilecto.

Foi uma opereta, e das melhores que nos têm sido apresentadas, que constituiu o êxito principal da quinzena que agora termina. Sem querermos estabelecer um confronto directo com outros filmes similares, devemos reconhecer que *O congresso que dança* é, de facto, um dos mais perfectos filmes do género exibidos nos nossos cinemas. Seria difícil apontar-lhe inovações técnicas ou artísticas, citar-lhe uma evolução qualquer sobre obras

NOTA DA QUINZENA

Ambiente propício

PARA que a indústria cinematográfica venha a ser bastam capitais, boas vontades ou a cooperação das entidades oficiais. É preciso, acima de tudo, criar-lhe um ambiente. Só assim o seu desenvolvimento será possível.

Para esse fim todos podem colaborar. É indispensável pôr termo à crítica agressiva, impiedosa, ao derrotismo que nos é tão caro. O que é necessário fazer é de tal modo importante que bem merece que se abaixem as armas da ironia dissolvante e da crítica dispersiva.

Esta missão compete a todos e se fôsse bem compreendida pelos que dedicam ao cinema a sua atenção encontrar-se-ia quasi resolvida por si.

É necessário fortalecer a ideia de que a criação dessa indústria não é uma doce utopia de meia dúzia de sonhadores. É preciso lembrar que quarenta milhões de homens que falam a nossa língua representam, depois do inglês, do francês e do espanhol, um dos maiores mercados do mundo e que só o nosso cinema pode restituir à cultura portuguesa o predomínio que entre essa importante parte da humanidade ela vai perdendo na literatura e no teatro.

Generalizando esta ideia, transformando-a numa certeza, ter-se-á preparado o terreno para o desenvolvimento da indústria. Já sabemos que as suas primeiras manifestações serão tímidas, desajeitadas. É preciso auxiliá-las mesmo assim. Criar-lhes um ambiente de estímulo e de simpatia. Confiar no triunfo que não deixará de vir após inevitáveis erros e imperfeições.

É essa a primeira obra a realizar em favor duma aspiração que, queremos repeti-lo, interessa a nossa economia e a nossa cultura. E é, afinal, quere-nos parecer, tão importante como fácil.

Uma filmagem arriscada exigiu, há tempos, que Wallace Beery fôsse substituído por um duplo. O emprêgo destes é, como se sabe, bastante freqüente em Hollywood. Greta Garbo, no filme *Mata Hari*, que actualmente termina, foi substituída por uma dançarina que com ela apresenta certas semelhanças físicas, na execução da difícil dança dos sete véus. A razão dessas substituições tanto pode ser a impossibilidade da artista

dúctria cine-
em Portugal
um facto, não
iniciativas,



MARY CARLISLE, DEMONSTRA QUE A BELEZA E O VIGOR FÍSICO SE COMPLETAM MARAVILHOSAMENTE

realizar determinadas cenas, e este é o caso de Greta, como o desejo da companhia produtora em não arriscar o importante capital que um actor de categoria representa.

Mas no caso de Wallace Beery, a solução não era fácil. Não foi possível encontrar entre toda a vasta população de Hollywood um único homem que apresentasse uma semelhança flagrante com o mais feio dos heróis cinematográficos.

Uma circunstância incidental levou o realizador a visitar poucos dias depois a prisão local. E ao atravessar os seus corredores sombrios, uma fisionomia conhecida chamou a sua atenção.

Encostado aos ferros duma das celas havia um homem que apresentava a mais extraordinária semelhança com Wallace Beery que é possível conceber-se. Percebendo a curiosidade do visitante, o carcereiro informou solícito:

—Este chegou há dias. Foi condenado em seis meses de prisão por se ter feito passar por Wallace Beery...

A Rússia com a fotogenia da sua neve, o pitoresco dos seus tipos e costumes, continua a seduzir os cineastas de todo o mundo. Diz-se que a Metro confiou a King Vidor a realização dum filme de grande categoria sobre um argumento cuja acção decorre na Rússia. Lewis Milestone, o grande realizador de *A oeste nada de novo* planeia outro grande filme tendo também o grande país como cenário. E Abel Gance entabou negociações com o governo russo para a realização dum filme em que o exército vermelho cooperará.

Harold Lloyd tem impressionado alguns milhares de metros de filmes com as gracinhas de Harold Júnior. Reginal Denny, o popular comediante, também tem realizado muitos desses documentários com o seu herdeiro. E Ben

Lyon não se cansa de filmar a garota com que Bebe Daniels o apresentou.

Escusado será dizer que todos eles se revêm nestes

filmes que o público ignorará sempre, e que se sentem mais orgulhosos destas obras do que de quantas realizaram até hoje.

Ronald Colman é, justamente considerado o mais misterioso dos actores americanos. Cerca-o na América um ambiente semelhante ao que envolve a vida de Greta Garbo.

Corre agora a notícia de que o conhecido actor desapareceu sem deixar notícias. O facto tem causado certa emoção entre as suas admiradoras da América e não têm faltado as mais extravagantes hipóteses tendentes a explicar o seu singular procedimento.

Mac Marsh, que foi a Janet Gaynor do seu tempo e como tal admirada por milhares de cinéfilos, vai regressar ao seu tempo. Vão, portanto, os que ainda conservam qualquer recordação dela, ter uma oportunidade de a rever.

Lupe Velez, a endiabrada mexicana cujas paixões e levandades muito têm dado que fazer aos jornalistas cinematográficos de todo o Mundo, mostra-se agora bastante inclinada a aceitar as homenagens de John Gilbert.

E não falta quem afirme que esta predilecção tem apenas por motivo as conveniências da publicidade de ambos. Em todo o caso, John Gilbert, «o homem que melhor sabia beijar» no tempo do cinema silencioso, parece pôr nisto uma maior sinceridade. O que mais digno o torna da nossa simpatia.

Diz-se que a «Fox» pensa em pôr termo ao famoso par Janet Gaynor—Charles Farrell. O custo elevadíssimo das produções destes dois artistas pelos salários que ambos auferem, parece ser a causa determinante desta resolução.

Resta saber como o público receberá as futuras produções e que reacção nele produzirá o ver a linda Janet beijada por outro ou ouvindo o atlético Charley dizer arrebatadas palavras de amor a outra actriz.

Harold Lloyd procura uma nova *leading lady* para os seus próximos filmes. Ignoramos as razões que o levam a deixar a colaboração preciosa de Barbara Kent. Mas temos a certeza de que não estará reservada à afortunada actriz sobre quem recair a escolha a mesma recompensa que teve Mildred Davis — ser sua mulher. A felicidade conjugal de Harold parece resistir ao ambiente deletério de Hollywood.



A GRACIOSA LILLIAN BOND NUMA DAS SUAS MELHORES «POSES»

OS GRANDES DOCUMENTÁRIOS

Alguns filmes de viagens e aventuras reais que vão ser apresentados em breve

NENHUMA invenção, nenhuma descoberta, nenhuma conquista do espírito humano, contribuiu mais fortemente do que o cinema para elevar a média da cultura geral da humanidade.

Há ainda hoje, e haverá talvez ainda por largo tempo, quem conteste ao cinema essa importantíssima conquista. Para muitos, ele é apenas um meio de diversão, um passatempo agradável que preenche, sem consequências, algumas horas de ócio. Uma outra missão lhe pertence, porém, e bem mais nobre — a de trazer junto do espectador imagens do mundo inteiro e revelar-lhe uma enorme quantidade de conhecimentos. As suas possibilidades sob este aspecto são ilimitadas e não podem sofrer confronto com qualquer outro meio de divulgação.

Para alimentar a curiosidade ávida das plateias mundiais, o operador cinematográfico tem chegado às mais longínquas partes do globo. Animada por essa curiosidade insaciável, a câmara de filmar penetrou nas profundas florestas do continente negro, venceu as imensas montanhas de gelo dos polos, desceu ao fundo dos mares, ascendeu às mais altas cordilheiras, debruçou-se, imprudentemente, nas crateras dos vulcões, atravessou as imensidades inóspitas do deserto. E pode dizer-se que até onde chegou a raça humana, chegou também a máquina de filmar, que condensou nas suas bobinas estreitas os múltiplos aspectos do globo.

De toda essa actividade resultam os filmes que já temos admirado e muitos outros que veremos a conhecer ainda. Para obter essas admiráveis imagens, muitos operadores arriscaram a vida com o admirável heroísmo da curiosidade. Em luta contra as feras, o clima e a natureza, é quase sempre à custa de perigosos sacrifícios que são obtidos alguns metros de filme que o espectador vê, despreocupadamente, passar ante si. E não poucas vezes a audácia dos operadores tem um trágico fim.

Talvez porque tais filmes encontram sem-

pre entre nós um magnífico acolhimento, quase todas as grandes produções do género têm sido já apresentadas em Portugal. Os mistérios do imenso continente negro, por exemplo, foram-nos revelados numa extensa série de filmes, da qual o último foi *A voz de Africa*. A floresta da Cochinchina e a luta épica travada entre ela e o homem foram admiravelmente fixadas nesse belo filme que era *Chang*. A expedição do almirante Byrd ao Polo Sul foi também objecto dum excelente documentário. E muitos outros há ainda que não vale a pena enumerar.

Assim, desde a zona tórrida ao polo, de tudo o cinema tem feito imagens que vão en-

misteriosas regiões. Apesar dos defeitos que dizem ter, como seja o de haver sido realizado em volta dum argumento medíocre, o seu valor documentário é, segundo parece, notável. Para filmar a maioria das cenas percorreu o realizador, acompanhado dos actores e técnicos, os recessos mais inexplorados de Africa durante quasi dez meses, transportando prodigiosas quantidades de material. Uma das mais importantes qualidades deste filme é ter registado fielmente muitos dos ruídos da selva, o que só imperfeitamente se conseguiu em *A voz de Africa*.

Um outro filme que está agora merecendo excelentes referências à crítica parisiense é

Sinfonia da Floresta Virgem, realizada por uma família de alemães durante a sua expedição da foz do Amazonas à fronteira do Perú. Este filme revelar-nos-á aspectos inéditos duma das regiões menos conhecidas do globo, e onde tudo — as feras, a vegetação, as serpentes — parece opôr-se à curiosidade humana.

Parece também provável que cheguemos a ver *Excelsior*, filme em que se registaram as mais emocionantes passagens da luta épica pela conquista dos cumes do Himalaia, em cujas altitudes vivem sacerdotes entregues à contemplação religiosa, cujos ritos estranhos são neste filme revelados pela primeira vez às civilizações ocidentais.

Encontra-se também anunciado *Tabu*, uma obra cheia de beleza e poesia, a última do grande realizador que foi Murnau. Este filme mostra-nos a vida edénica das ilhas dos mares do sul, através da sensibilidade requintada do grande artista alemão. E estamos certos que há-de superar este outro, aliás excelente, que se chama *Sombras brancas*.

O cinema trouxe o mundo até nós. É esse um dos seus maiores benefícios, um dos que mais o impõem à nossa consideração. Em vez do relato, quasi sempre fantástico do explorador, algumas bobines de película dão a ideia exacta, objectiva, do assunto. Multiplicadas em cópias e disseminadas através do mundo, elas vão levar a milhões de seres humanos visões do globo que habitam e que de outro modo ignorariam sempre.

E, contudo, ainda há quem suponha que o cinema nenhum outro mérito tem senão o de preencher uns momentos de ócio.



EVALYN KNAPP EMOULDURA A SUA BELEZA APETECÍVEL COM SABOROSAS LARANJAS

riquecer o conhecimento humano, contribuindo como nenhum outro meio de divulgação para elevar o nível médio da cultura, espalhando conhecimentos que só difícil e hipoteticamente poderiam ser transmitidos através do livro ou da gravura, e mesmo neste caso, sem o extraordinário poder de sugestão que a fotografia animada exerce.

Vários filmes deste género não são ainda conhecidos do nosso público, e para desejar seria que a sua apresentação se fizesse.

Trader Horn, um grande documentário da floresta africana, revelar-nos-á grande número de aspectos, ignorados ainda, dessas

FIGURAS E FACTOS



ASPECTO DO BAILE REALIZADO, EM 19 DE DEZEMBRO FINDO, NO GINÁSIO CLUB PORTUGUÊS, EM HOMENAGEM AO AVIADOR CIVIL COSTA VEIGA

"DEGREDAÇOS"

A grande poetisa Virgínia Vitorino acaba de fazer publicar a sua consagrada obra de teatro *Degradados*, que o público de Lisboa calorosamente aplaudiu no Teatro Nacional. Bem andou a ilustre escritora, fazendo imprimir o seu teatro. Assim, não só os admiradores da escritora consagrada, que são muitos, como os amadores em geral da boa técnica teatral, poderão saborear um trabalho não só honesto como de grande mérito que a autora, publicando, apresenta confiadamente ao exame dos mais exigentes.

"O DIÁRIO DE NOTÍCIAS"

O antigo e conceituado jornal lisboeta comemorou agora, em 29 de Dezembro findo, o 67.º aniversário da sua existência. A todos quantos nêe trabalhavam envia a *Ilustração*, por tal motivo, calorosas saudações.



O AVIADOR COSTA VEIGA (NO PRIMEIRO PLANO, O TERCEIRO A CONTAR DA ESQUERDA) COM OS PROMOTORES E OS ORADORES DA SESSÃO SOLENE QUE PRICEDEU O REFERIDO BAILE

LITERATURA INFANTIL

Do Natal aos Reis, neste período festivo que a lembrança da divina criança que passou pelo mundo há bastantes séculos e o deixou inundado de estranha luz enche plenamente, período êste naturalmente consagrado à Infância, o género que predomina, nas novidades literárias, é o dos livros para a gente miúda.

A quadra presente não foi sáfara neste campo. Dos volumes de tal teor que saíram e que recebemos, falaremos brevemente.

ANO NOVO!
ANO FELIZ!

A todas as pessoas e entidades que, gentilmente, nos dirigiram cumprimentos de boas-festas, agradecemos, muito penhorados, tal atenção e retribuimo-la com os nossos sinceros votos de um ano novo repleto de ventura e de prosperidades.

Nos mesmos votos envolvemos todos os nossos colaboradores, anunciantes, agentes, assinantes e leitores.

Que do ano de 1932 todos possam vir a dizer que foi um ano feliz, que êle, quando se extinguir, deixe saudades em todos nós!

Dr. SAMUEL MAIA

Êste nosso prezado amigo e ilustre colaborador encontra-se já completamente restabelecido do desastre que sofreu há meses, tendo regressado à actividade da clínica médica e do jornalismo, facto com que muito nos regojamos.

... Vida Feminina

O pudor é o mais belo ornamento da mulher. É o que a torna encantadora, reservada, o que a faz ser tímida com graça. As moralistas pregam, e não sem razão, contra a mulher moderna, que tem perdido o recato que tornava antigamente a mulher tão sedutora.

Mas para julgar com razão é preciso ser justo e ver bem o que causa a triste perda do pudor feminino. O pudor físico, que tornava tão azara dos tesouros de beleza, do seu corpo, a mulher de antes e que a mulher de hoje prodigaliza. Mostrando em «maillots» ou mesmo, como este ano, em Juan-les-Pins, apenas com uma tanga e um «soutient gorges» a perfeição das suas formas, perdeu-o a mulher pela força das circunstâncias. Depois da guerra, o terrível flagelo que dizimou os combatentes e estiolou, com a fome, até aqueles que tão longe estavam do «front», foi preciso reerguer a humanidade enfraquecida, cheia de doenças e de lutas, e os higienistas, copiando os antigos gregos, iniciaram o culto do nu; os banhos do mar e do sol, tonificantes naturais, começaram a ter a voga que hoje têm e todos os organismos enfraquecidos a revigorarem na comunhão da Natureza.

Naturalmente, o primeiro passo é o que custa e a mulher, que tremia de mostrar o tornozelo, expôs o corpo, com uma audácia, que as modas auxiliavam com o exagêro dos decotes e das saias curtas, aos olhares de todos. É para lamentar a perda do pudor físico mas a desculpa da saúde é tão forte que quasi a aceitamos. Primeiro que tudo o revigoramento da raça. Mas o que é mais sério é que a mulher está per-

dendo o pudor moral, está-se tornando cínica e isso é muito mais alarmante e grave. E de quem é a culpa? De todos.

Escritores há que com os seus livros perigosos apresentam o vício com uma capa de elegância, que é perniciosa para os espíritos fracos.

As peças de teatro, a que assistem tantas meninas quasi crianças, estão sendo de descabelado realismo, que descara por completo a mocidade, que as famílias que não estão ao par do que essas peças são, levam incautamente a divertir, sem compreender o mal que certas peças causam numa alma em formação. E se é preciso que a mulher conserve o

pudor que tão interessante a torna no recato com que se veste, é ainda mais necessário que o pudor moral e a elevação de sentimentos da mulher seja mantida, fazendo-se guerra aos livros e às peças de teatro imorais e sem arte que as desculpe.

Maria de Eça.

A moda

ESTAMOS EM pleno inverno, a época das festas, e os vestidos de noite têm agora uma grande importância no nosso guarda-vestidos. Damos hoje a gravura de um lindo modelo de Callot. Um vestido em tule liso e em tule perlé. O tule é azul e o fourreau sobre o qual assenta é em setim cor de carne. Um cinto em veludo azul marca a cintura e ata atrás.

O outro modelo é de Worth, o grande costureiro. Vestido em setim branco formando uma pequena cauda. Capa do mesmo setim guarnecida a raposa branca. Este ensemble é do maior chic e é recomendável às senhoras altas e esbeltas.

Qualquer destas toilettes é de uma requintada elegância e estamos certas que agradarão às nossas leitoras que gostam de ver nos seus vestidos a nota de uma grande elegância, aliada a muita simplicidade, que é o que faz a mulher verdadeiramente chic.

A mulher através do tempo

As belas egípcias, que usavam o cabelo curto e tinham horror à gordura, que cubriam a linha do corpo com túnicas mais transparentes do que os nossos vestidos, costumavam pintar de vermelho ou de ouro as unhas das mãos e dos pés, e pintar as pálpebras e as olheiras de negro, azul ou verde, segundo a cor das pupilas.

As persas, até ao princípio da era cristã, uniam as sobrancelhas com um traço negro, persuadidas que eram assim mais bonitas. Não concordariam com as senhoras de agora. Quando Júlio César voltou a Roma com o seu cortejo de mulheres alemãs loiras e fulvas gaulesas, todas as morenas romanas quiseram ser loiras por sua vez e inventaram uma mistura de potassa e soda, secando os cabelos aos raios do sol. As que preferiam meios mais rápidos cortavam os cabelos às escravas estrangeiras e mandavam fazer cabeleiras. As inglesas do século XII queriam ser pálidas à força, jejuavam e caíam a cara de branco e de cor de cinza. As francesas dessa época preferiam ser florescentes. Comiam e bebiam bem e além disso usavam rouge. As mulheres de hoje jejuam para ser magras e usam rouge para parecer safiáveis!

Pensamentos

O amor termina pelo muito que exige.

As criaturas silenciosas são perigosas o que não acontece com as barulhentas.

A beleza torna mais agradável a beleza.

Entre os nossos inimigos os mais temíveis são os mais pequenos.

O sábio desconfia de todo o desconhecido.

Não se deve julgar pelas aparências.

LA FONTAINE.

A costura

TODAS as senhoras se devem dedicar à costura, que é um trabalho de grande utilidade para elas e para o lar. A mulher que pensa tornar-se elegante, desdenhando os trabalhos de agulha, consegue apenas ser ridi-



VESTIDO DE BAILE EM TULE

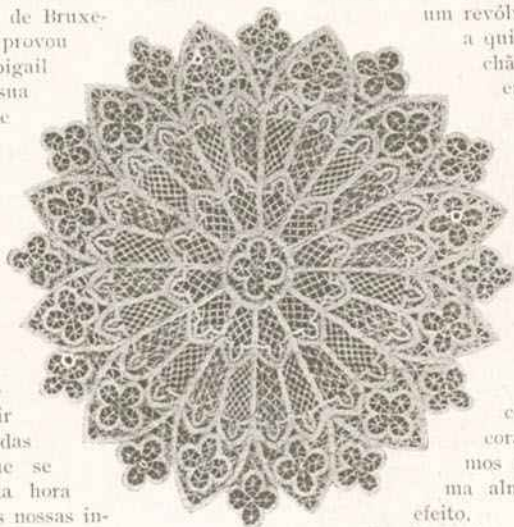


«ENSEMBLE» EM SETIM BRANCO PARA A NOITE

cula e prova a sua inferioridade mental. A superioridade de uma mulher consiste em estar preparada para tudo na vida e saber bastar-se a si própria e aos seus, sendo a providência do lar.

Rendas

NADA há que mais interesse a mulher do que as rendas, esse belo ornamento da sua beleza, das suas roupas e do seu lar. E nós temos rendas portuguesas, que nada têm a invejar às mais belas rendas de Milão, de Veneza e de Bruxelas. E bem alto o provou agora a sr.^a D. Abigail de Paiva Cruz na sua linda exposição de rendas, executadas com os seus desenhos tão originais e artísticos e quasi todas de um cunho tão nacional e interessante. D. Abigail é uma verdadeira artista das rendas e está naturalmente indicada para dirigir a industrialização das nossas rendas, que se está impondo nesta hora do renascimento das nossas indústrias. Conhecida em Madrid e em Paris, onde as suas rendas tiveram um sucesso bem merecido, registado pela imprensa desses países, esta senhora, incomparável artista, merece ser conhecida de todas as senhoras portuguesas, que fazem do seu lar um ninho de Arte, e que sabem dar o valor devido à obra de uma grande artista.



A BORDADA DE RENDAS EM RENDA

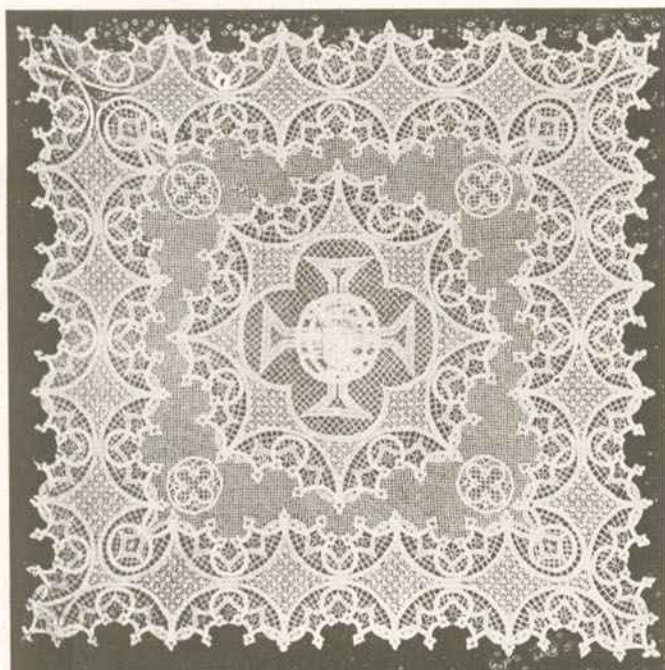
ménia. Uma distinta senhora russa, emigrada depois da revolução, estabeleceu-se na pequena cidade romena, onde vivia modestamente fazendo de cartomante. Um dia, recebeu a visita de uma menina de 18 anos, Flora Gardenau, a qual estava noiva há poucos dias e desejava conhecer o futuro. A senhora russa interrogou as cartas e a palma da mão da gentil rapariga, e, sem preâmbulos, disse-lhe que a ameaçava um grande perigo e que morreria antes de casar.

A jovem empalideceu, tirou da carteira um revólver e desfechou sobre a quiromante, que caiu no chão, morta. A jovem entregou-se à polícia. Há officios perigosos...

Trabalhos femininos

UM dos trabalhos mais em moda agora é o bordado em lã sobre linho. Duma grande facilidade de execução, obtém-se com elle objectos de decoração lindíssimos. Damos hoje o modelo duma almofada do mais belo efeito.

As almofadas nunca são demais, e todas têm cabimento numa casa. Pode executar-se em várias cores, que aconselhamos sejam harmonizadas com as cores predominantes na sala ou quarto a que é destinada a almofada. Pelo detalhe do trabalho verão que os pontos com que é feita são



COLCHA EM ESTILO MANUELIANO



O ÚLTIMO RETRATO DE FLORÉLIA ESTANCA

tagem de não ser frágil e de a podermos utilizar, sem receio que tenha pouca duração.

Higiene e beleza

Se gostam de pôr nas faces a saúde da caixa que os perfumistas vendem, meditem estes princípios do século XVIII, época em que as mulheres empregavam toda a sua arte de coquetterie:

É preciso pôr o rouge em linha direita, muito próximo dos olhos; esta primeira camada de carmin aviva o olhar. Três outras camadas inferiores devem arredondar-se com graça a distância absolutamente igual do nariz e das orelhas e, sobretudo, não descair abaixo da boca. Um dos mais modernos institutos de beleza recomenda: ao pôr o rouge desenhem um S, que deve começar na fronte, alongar-se em volta dos olhos e deve terminar no lóbulo da orelha.

Receitas de cosinha

BOLACHAS DELICIOSAS — Um decilítero de leite, 250 gramas de açúcar, 50 gramas de manteiga de vaca, 50 gramas de banha de porco e 750 gramas de farinha. Desfaz-se tudo no leite, amassa-se e bate-se bem até se poder tender a massa; depois, com uma fôrma, cortam-se as bolachas, que vão ao forno num taboleiro ligeiramente untado com manteiga. São deliciosas para o chá.

Poetisa célebre

Em Bordens foi inaugurada uma lápide na casa da rua Montesquieu onde habitou Marcelline Desbordes Valmore, a poetisa que, no tempo do romantismo, foi a famosa inspiradora, que iluminava com a sua beleza e com o seu talento todos os meios que se interessavam pela política e pela literatura. Seu filho Hipólito publicou, anotadas, as suas cartas fa-

A mulher e a edade

A idade das mulheres é sempre um assunto que se presta às facécias, e isto pelo trabalho que têm em a esconder. Uma colaboradora do *Temps* diz que a mulher de hoje, que está envolvida na vida social, já não tem esse ingénuo defeito e renunciou a enganar-se a si própria dizendo que tem menos idade. As mulheres que têm uma profissão sabem que superiores e colegas conhecem o seu estado civil, de maneira que não vale a pena diminuir os anos.

Mas nem todas as mulheres se resignam a estas incertezas. Em Inglaterra, no último recenseamento, muitas mulheres se negaram a declarar a idade. As autoridades, galantemente, declararam: «As pessoas do sexo feminino são autorizadas a declarar a sua idade em carta fechada, e a administração usará do maior sigilo.»

Como se vê, até as práticas inglesas sofrem desta comum fraqueza.

Officio perigoso

O officio de quiromante é, às vezes, muito perigoso, como o demonstra o trágico acontecimento que se deu em Jassy, na Ro-

apenas dois. Um, pé de flor, e o outro alinhaves grandes, que devem ser de grande precisão.

Estes trabalhos, muito simples, exigem uma maior perfeição, porque nela reside toda a graça da obra. Esta almofada tem a van-

miliares dirigidas a ele e a Ondina, sua filha, casada com o deputado Langlais. Dessa correspondência depreende-se como a admirada poetisa era, também, uma mãe afectuosíssima e dedicada até ao sacrifício.

E as cartas que escreveu a sua filha casada são um poema de ternura maternal. A exaltação dos românticos é instigada em Debor-des Valmore pelo seu sentimento de mãe. É talvez por isso que é recordada, enquanto sobre tantas outras poetisas e escritoras do seu tempo, caiu o esquecimento. Douai, a sua cidade natal, tinha-lhe levantado uma estátua, que foi destruída pelos alemães, quando da invasão da última guerra. Agora, o escultor Desronelles, expôs, no Salão, um projecto para o monumento de M.^{me} Valmore. É natural que Douai incumba este artista de reproduzir, no mármore, o busto melancólico da bela poetisa.

Um livro

PRECEDIDO de um estudo seu, publicou agora um novo livro de versos de Florbela Espanca, o professor Guido Battelli, seu dedicado amigo.

Nesses versos, como nos outros já publicados, fulgura o talento da grande poetisa, de alma ardente e dum tão profundo sentimento de Arte. Esse livro é recomendável a todos que pela poesia se interessam. Versos inéditos, da malograda poetisa, os seus primeiros versos, cheios de frescura e de mocidade:

Mistério

*Gosto de ti, ó chuva, nos beirados,
Dizendo coisas que ninguém entende!
Da tua cantilena se desprende
Um sonho de magia e de pecado.*

*Dos teus pálidos dedos delicados
Uma alada canção palpita e ascende,
Frases que a nossa boca não aprende,
Murmúrios por caminhos desolados.*

*Pelo meu rosto branco, sempre frio,
Fazes passar o lígubre arrepiço
Das sensações estranhas, dolorosas...*

*Talvez um dia entenda o teu mistério...
Quando, inerte na paz do cemitério,
O meu corpo matar a fome às rosas!*

* FLORBELA ESPANCA.

O gato

O gato está dando uma boa imprensa. E a razão é a campanha que se está fazendo em todo o mundo contra o rato. Os perigos de infecção que este roedor representa junto aos incalculáveis prejuízos económicos que produz, valorizaram todos os meios de o com-

bater, e em primeiro lugar o gato. Há gatos que são excelentes caçadores, outros que têm os ratos debaixo do focinho e não se mexem para os apanhar. Um gato, para ser bom caçador, tem de ser forte e bem alimentado. É um erro pensar que o animal precisa de ter fome para caçar. O gato caça por prazer e não come o

rato depois de o matar. O ser bom caçador é hereditário nos gatos; convém, pois, seleccionar a raça. As gatas caçadoras ensinam os filhos a caçar. Em França, o dr. Adriano Loir, do Havre, vice-presidente da Asso-

taí que, quando um assinante compõe no seu aparelho automático o seu número de chamada, sente o tic-tac do relógio e em seguida ouve bater as horas, que são seguidas de outras pancadas que marcam os minutos. No caso da linha correspondente ao relógio estar ocupada, é preciso esperar que esteja livre e fazer nova chamada.

Fantasia de inglesa

NUM jornal inglês lia-se a seguinte notícia: «As cinzas de Miss Jane Hullah foram dispersas no campo de corridas de Wetherby, algumas horas depois da primeira corrida.»

A defunta tinha dedicado a sua vida ao melhoramento da raça cavalar. Nunca faltava a uma reunião hípica. Os seus restos ficaram misturados com o pó e a erva dos hipódromos. Os cavalos, galopando, pisam um pouco da que foi Jane Hullah.

A estranha vontade da velha senhora foi escrupulosamente respeitada. Ninguém em Inglaterra se admirou ou se indignou das suas disposições fúnebres e desportivas. E ninguém se ri. Os nossos aliados têm de tal maneira o respeito da liberdade individual que não a contestam mesmo aqueles que dão mostra das piores extravagâncias, do momento que essas extravagâncias não causem dano a ninguém.

De mulher para mulher

Rosa brava—Para evitar essas pequenas infecções que a sua vida activa de dona de casa lhe trazem quando se pica, tenha sempre na cozinha uma garrafa com água sedativa. Logo que se arranhar aplique uma compressa. É também boa para as picadas de insectos.

Mancira de a fazer: num garrafão pequeno deita cem gramas de amoníaco líquido, dez gramas de álcool canforado, sessenta de sal marítimo e um litro de água. Agita-se durante dois minutos.

Sempre elegante—As cores da moda este ano são o castanho e o verde-escuro. Pode aplicar a gola de pele; é sempre moda e confortável.



ALMOFADA EM LINHO BORDADA A Lã

ciação internacional contra os ratos, fundada em Copenhague, tem feito uma verdadeira propaganda a favor do gato e, na *Revue d'hygiène*, oferece-se para dar todas as informações a quem se queira dedicar à criação de gatos caçadores próprios para a extinção dos ratos.

Hora telefónica

ANTES da invenção do telefone automático, os assinantes de quasi todas as cidades civilizadas do mundo podiam saber pela telefonista de serviço a hora certa.

Assim, o cronómetro da Central Telefónica servia para regular a hora dos relógios das casas particulares e das repartições públicas. Nalgumas cidades, havia tanto esse costume que todos se queixavam de o não poder fazer com a difusão dos aparelhos automáticos e a diminuição do pessoal de serviço. Uma sociedade que dirige os serviços duma cidade americana, para dar aos seus assinantes a antiga comodidade, ligou à rede telefónica, fornecendo-o do número de chamadas necessário, um relógio que responde automaticamente todas as vezes que um assinante deseja conhecer a hora exacta.

O mecanismo está disposto de uma maneira

O médico da família:—Então, minha senhora, está satisfeita por eu ter obtido de seu marido que a levasse para o Estoril?

—Muito agradecida, doutor; mas já agora, ponha o remate à sua bondade: convença meu marido, por causa da saúde d'ele, a ir estar, durante esse tempo, em Mondariz!...

Numa hospedaria da província:

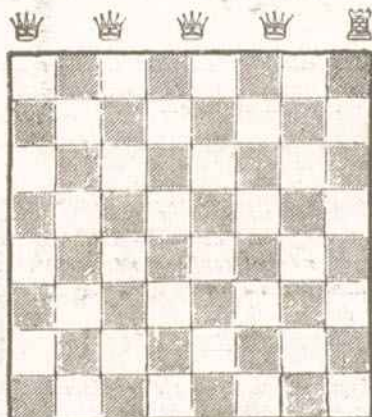
—Não te esqueças de me chamar de madrugada, porque não quero perder o comboio.
—Não tem dúvida, patrão. Eu tenho o sono muito leve. Basta V. Ex.^a tocar a campainha uma vez.

Num banquete de noivado. Está-se servindo o café:

—Café... — pergunta um dos criados, dirigindo-se ao noivo.

—Não, obrigado — responde o noivo. — Não me deixava dormir.

PROBLEMAS DE XADREZ



O problema que propomos aqui, consiste em colocar quatro rainhas e uma torre por forma tal, que ponham em cheque todas as casas do tabuleiro.

Analogamente, se podem impôr as mesmas condições com o emprego de três rainhas e duas torres, o que vem a ser uma variante do primeiro problema proposto.

A mãe, ao Pedrito:

—Feio! O menino já viu, alguma vez, a mamã, com as mãos sujas de tinta, dessa maneira?

O Pedrito, com pizacidade:

—A mamã, não; agora, o papá, já tenho visto muitas vezes.

O professor:—O menino sabe o que é um réptil?

—?!...

—Não sabe? Então, eu lhe digo: É um animal que anda de rastos pelo chão. Veja se se lembra de algum?

—Lembro, sim senhor. O meu mano pequenino.

Fim de festa

Entre senhora e criada:

—Despeço-a, porque já vi, por todo o seu serviço, que não é boa para nada.

—Isso é o que a senhora diz. Mas o senhor ainda esta manhã me disse que gostava muito do meu serviço e que eu era boa para tudo!...

—Que homem tão distinto, que é seu pai! Os cabelos inteiramente brancos dão-lhe um ar aristocrático...

O filho, extravagante:—É verdade, e pode agradecer-mos...

O visconde está para casar. A noiva, embora muito rica, é seca e magra — uma verdadeira táboa.

—Uma táboa... de salvação! — dizia ele, um dia destes, no club, aos amigos.

No restaurante:

—Rapaz, uma garrafa de Pôrto velho.

—Pronto! aqui o tem de 1815.

Momentos depois:

—Rapaz!

—Senhor!

—Sabe detestavelmente a velho o teu Pôrto de 1815.

—É impossível, senhor.

—Afirmando-te eu.

—Isso não pode ser; ainda não há meia hora que ele foi engarrafado.

Num exame de medicina:

—Diga-me qual é o melhor meio para estabelecer a circulação?

—Fazer intervir a polícia.



Ela (não vendo a situação crítica em que o marido se encontra):
—O ANIMAL! NÃO TE PONHAS A GRIJAR ASSIM, VEM ANTES AJUDAR-ME A LEVANTAR, ANDA!

Profundas reflexões de um criado de quarto:

—O meu patrão não faz coisa alguma e eu faço exactamente a mesma coisa que ele. Pois muito bem; os

que falam d'ele, dizem que leva uma vida contemplativa; e os que falam de mim, dizem que eu sou um mandrião, um ocioso!...

«Acabo de fazer o meu testamento — dizia Henri Heine. — Deixei todos os meus bens a minha mulher, mas com a condição dela casar outra vez, imediatamente. Dêste modo, tenho a certeza de haver, pelo menos, um homem a lamentar a minha morte.»

PALAVRAS CRUZADAS

(Solução do passatempo publicado no número anterior)

C	A	L	A	F	E	T	A	R
B	R	E	M	E	D	I	O	D
A	O	R	A	D	I	O	S	E
I	C	A	R	O	L	V	E	S
L	A	T	A	R	C	A	R	A
A	R	O	M	A	S	O	R	R
R	I	M	A	B	M	I	A	R
I	N	O	L	U	A	O	V	O
N	A	S	E	L	I	M	A	S
O	T	I	M	I	D	O	S	O
N	U	M	E	R	A	R	I	O

Entre mãe e filha:

—Tens a certeza, minha filha, que o Rodrigo não aspira à posse da tua mão, unicamente pelo teu dinheiro?

—A certeza absoluta, mamã; ele não faz caso nenhum de dinheiro; e tanto que gasta doidadamente todo aquele que tem!...

Dois sujeitos falam de mulheres:

—São todas umas parvas, não percebem coisa nenhuma. Eu, até agora, não encontrei senão uma que tivesse bom senso!

—Sim? Então porque não casou com ela?

—Porque ela me não quis.

—O que é que um homem pode fazer sem dinheiro?

—Dívidas.

Carinho de esposa:

«Escrevo-te porque não tenho nada que fazer. E concluo esta carta, porque não tenho nada que te dizer.»

Amabilidades literárias:

—Gostava de assistir a uma peça que fôsse pateada do princípio ao fim!

—Não me parece difícil. Escreve-a tu!

FABRICA DE LOUÇA DE SACAUEM

A MAIOR FÁBRICA DE CERÂMICA FINA DA PENÍNSULA

LOUÇAS DOMÉSTICAS — SERVIÇOS DE JANTAR E DE CHÁ

LOUÇAS SANITÁRIAS

(Lavatórios, bacias de retrete, bidés, etc.)

MOSAICOS CERÂMICOS

(Pavimento sem rival para cozinhas, quartos de banho, etc.)



TODOS ESTES ARTIGOS SÃO DE PRIMEIRA QUALIDADE

SEDE — LISBOA

126, Rua da Prata, 132

PORTO

40, Rua dos Carmelitas, 40

NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Por CÂNDIDO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa, da Academia Brasileira, da Real Academia Espanhola, da Sociedade Asiática de Paris, da Academia de Jurisprudência de Madrid, do Instituto de Coimbra, etc.

QUARTA EDIÇÃO

Muito corrigida e copiosamente aumentada.

O Novo Dicionário é o mais actualizado, autorizado e completo Dicionário da Língua Portuguesa

A aparição do NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, em 1900, foi calorosamente saudada pela imprensa periódica de Portugal e do Brasil.

Em sessão da Academia das Ciências fez o elogio da obra o falecido académico Gonçalves Viana, grande autoridade portuguesa em assuntos de linguística; e a principal corporação literária e científica da vizinha nação, a Real Academia Espanhola, que raros estrangeiros recebe no seu grémio, elegeu seu sócio o autor do NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, aprovada a proposta, feita nesse sentido, pelo famoso escritor e diplomata Juan Valera, pelo filólogo e senador Daniel de Cortejar e pelo sábio Mir.

Podemos afirmar que o autor, à custa de longas e incalculáveis fadigas, conseguiu reunir, em todas as esferas da actividade e do saber humano, cerca de 130.000 vocábulos portugueses que ainda não estão registrados nos menos incompletos e menos imperfeitos dicionários da língua pátria.

Um dicionarista conhecido, cuja obra abrange realmente numeroso vocabulário, ufana-se de que o seu dicionário abranja 66.000 vocábulos. Acrescente-se a esta cifra mais 53.613, e entrever-se-á que os vocábulos reunidos pelo sr. Dr. Cândido de Figueiredo no NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, abrange nesta nova edição um número que atinge 119.613 vocábulos ou artigos.

2 grossos vol. sólidamente enc. em carneira 250\$00

PEDIDOS A S. E. PORTUGAL-BRASIL

Rua da Condessa, 80 — LISBOA

PAULINO FERREIRA

ENCADERNADOR — DOURADOR

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ, MOVIDAS
A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1884

Premiada com medalha de ouro em todas as exposições a que tem concorrido. — DIPLOMAS DE HONRA na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS
OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA

Telefone 2 2074

Um dos melhores brinde do Natal, é a

Biblioteca das Noivas

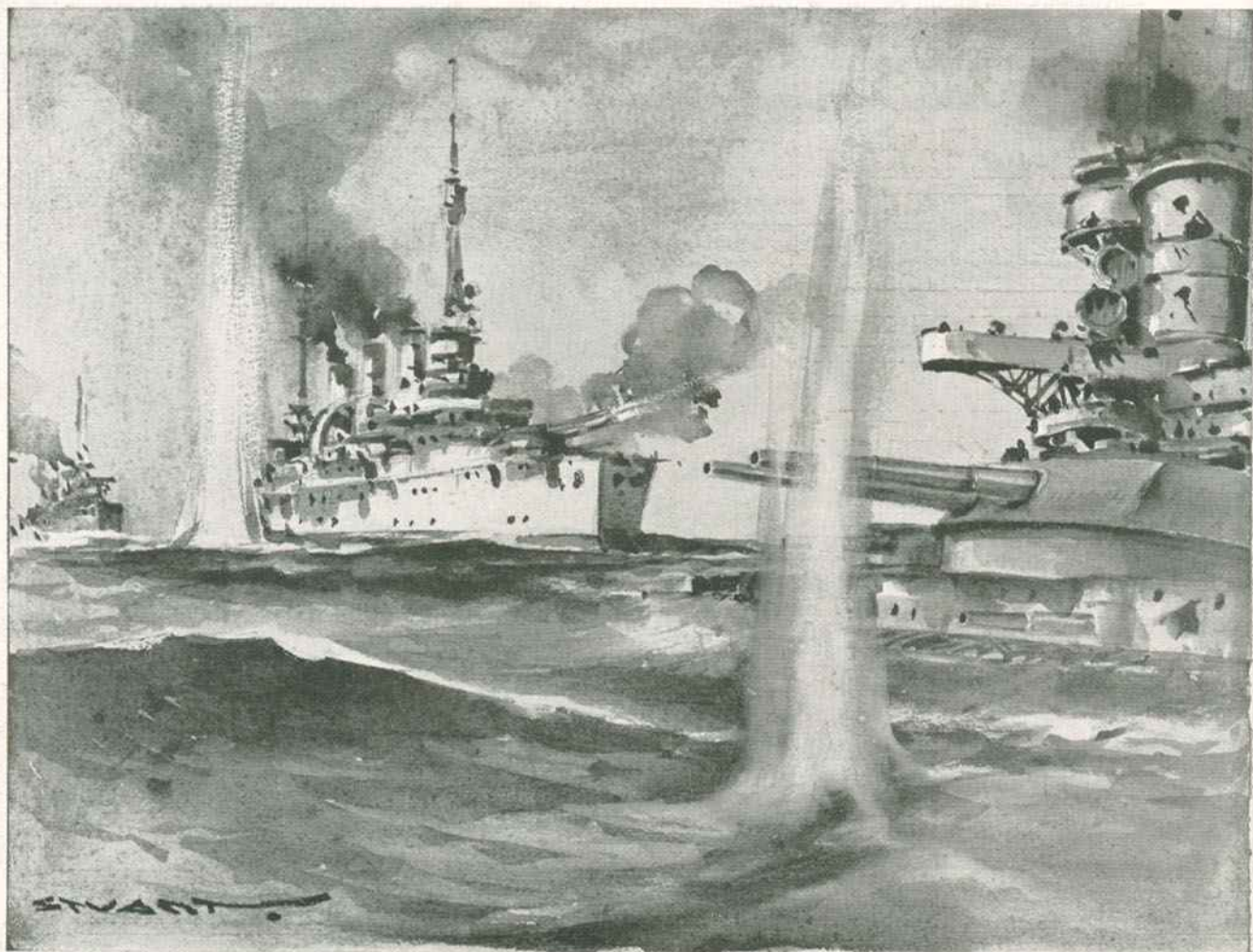
Organizada por César de Frias

O Amor — A Mulher — O Lar

Cada volumezinho, broc. 3\$00

Pedidos à Livraria Bertrand

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



OS GRILHETAS DO KAISER

por THEODORE PLIVIER

Marinheiro alemão durante a Grande Guerra

**A epopeia trágica da esquadra
alemã e a sua destruição** —

**A obra máxima sobre
a guerra europeia** —

A CELEBRE BATALHA NAVAL DA JUTLANDIA

e os seus horrores, vistos por um marinheiro russo

Este livro, traduzido em quasi todas as linguas, suplantou em exito o celebre **"Nada de Novo na Frente Ocidental"**. Apesar de prohibida a sua venda na Alemanha, devem-no ter lido em todo o mundo para cima de **50 milhões de pessoas**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



Um dos melhores livros para crianças
últimamente publicados é

O Pretinho de Angola

POR

CÉSAR DE FRIAS

Nos sete formosos capítulos deste 32.º volume da **Biblioteca dos Pequeninos** conta-se a história comovedora do mais simpático pretinho estudioso.

Sugestivas ilustrações de Ilberino dos Santos

Preço: 5\$00

A' venda na Filial do *Diário de Notícias*, Largo de Trindade Coelho, 10 e 11, e em todas as livrarias

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS



Verdadeira Enciclopedia da Vida Prática

COLEÇÃO METÓDICA DE **6.380** RECEITAS
OBRA ILUSTRADA COM **198** GRAVURAS
A MAIS COMPLETA DE QUANTAS EXISTEM PUBLICADAS

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

é uma obra indispensável em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz também plenamente quantos sobre **todos os mos p o fissionais** a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluídos conhecimentos de valia

Obra de incontestável utilidade para toda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

são tratados assuntos que muito interessam à vida prática, como os referentes a: ORNAMENTAÇÃO DO LAR—MEDICINA PRÁTICA—SOCORROS DE URGÊNCIA—MOBILIÁRIO—LAVANDERIA—FARMÁCIA DOMÉSTICA—JARDINAGEM—PRODUTOS ALIMENTARES—COLAS, GOMAS, VERNIZES E TINTAS—PERFUMARIA—ILUMINAÇÃO E CALEFAÇÃO—SEGREDOS DO TOUCADOR—CONSERVAS—ANIMAIS DOMÉSTICOS—MANUAL DO LICORIEIRO—METAIS—LIGAS E CIMENTOS—COURO E PELES—ANIMAIS DANINHOS—COPA E DOÇARIA—LAVORES FEMININOS—HIGIENE DA BELEZA—PASSATEMPOS—LAVAGEM DE NÓDOAS—TECIDOS E VESTUÁRIO—VIDRARIA—ADUBOS—HORTICULTURA—VETERINÁRIA—VINICULTURA E VITICULTURA, ETC.

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

abrange tudo quanto importa conhecer, especializando-se pelo desenvolvimento, nunca atingido em obras similares, das secções em que o dividimos

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

1 GROSSO VOLUME DE 1.152 PÁGINAS LINDAMENTE ENCADERNADO EM PERCALINA A CÔRES E OURO, CUSTA APENAS 30\$00

Pedidos às boas livrarias

Pedidos à S. E. PORTUGAL-BRASIL—Rua da Condessa, 80—LISBOA

BOLACHAS

A GRANDE
M A R C A
PORTUGUESA

Variadas e
saborosíssimas
qualidades

UM UNICO FABRICO
O MELHOR

NACIONAL

As melhores obras de JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos
conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versão portuguesa autorizada pelo autor
e editores, feita pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10\$00

- | | | |
|--|--|--|
| 1—DA TERRA A LUA, viagem directa
em 97 horas e 20 minutos. 1 vol. | 28—A GALERA CHANCELLOR. 1 vol. | 55—O CAMINHO DA FRANÇA. 1 vol. |
| 2—A RODA DA LUA. 1 vol. | 29—OS QUINHENTOS MILHÕES DE
BEGUN. 1 vol. | DOIS ANOS DE FERIAS: |
| 3—A VOLTA DO MUNDO EM OI-
TENTA DIAS. 1 vol. | 30—ATRIBUIÇÕES DE UM CHINES
NA CHINA. 1 vol. | 56—1.ª parte—A escuna perdida. 1 vol. |
| AVENTURAS DO CAPITÃO HAT-
TERAS: | A CASA A VAPOR: | 57—2.ª parte—A colónia infantil. 1 vol. |
| 4—1.ª parte—Os ingleses no Polo Norte.
1 vol. | 31—1.ª parte—A chama errante. 1 vol. | FAMÍLIA SEM NOME: |
| 5—2.ª parte—O deserto de gelo. 1 vol. | 32—2.ª parte—A ressuscitada. 1 vol. | 58—1.ª parte—Os filhos do traidor. 1 vol. |
| 6—CINCO SEMANAS EM BALÃO.
1 vol. | A JANGADA: | 59—2.ª parte—O padre Joan. 1 vol. |
| 7—AVENTURAS DE TRES RUSSOS
E TRES INGLESES. 1 vol. | 33—1.ª parte—O segredo terrível. 1 vol. | 60—FORA DOS EIXOS. 1 vol. |
| 8—VIAGEM AO CENTRO DA TERRA.
1 vol. | 34—2.ª parte—A justificação. 1 vol. | CÉSAR CASCABEL: |
| OS FILHOS DO CAPITÃO GRANT: | AS GRANDES VIAGENS E OS
GRANDES VIAJANTES: | 61—1.ª parte—A despedida do novo conti-
nente. 1 vol. |
| 9—1.ª parte—América do Sul. 1 vol. | 35—1.ª parte—A descoberta da terra. 1.º vol. | 62—2.ª parte—A chegada ao velho mundo.
1 vol. |
| 10—2.ª parte—Austrália Meridional. 1 vol. | 36—1.ª parte—A descoberta da terra. 2.º vol. | A MULHER DO CAPITÃO BRA-
NICAN: |
| 11—3.ª parte—Oceano Pacífico. 1 vol. | 37—2.ª parte—Os navegadores do século
XVIII. 1.º vol. | 63—1.ª parte—A procura dos naufragos.
1 vol. |
| VINTE MIL LÉGUAS SUBMARI-
NAS: | 38—2.ª parte—Os navegadores do século
XVIII. 2.º vol. | 64—2.ª parte—Deus dispõe. 1 vol. |
| 12—1.ª parte—O homem das águas. 1 vol. | 39—3.ª parte—Os exploradores do século
XIX. 1.º vol. | 65—O CASTELO DOS CARPATHOS.
1 vol. |
| 13—2.ª parte—O fundo do mar. 1 vol. | 40—3.ª parte—Os exploradores do século
XIX. 2.º vol. | 66—EM FRENTE DA BANDEIRA |
| A ILHA MISTERIOSA: | 41—A ESCOLA DOS ROBINSONS.
1 vol. | A ILHA DE HELICE: |
| 14—1.ª parte—Os naufragos do ar. 1 vol. | 42—O RAIOS VERDE. 1 vol. | 67—1.ª parte—A cidade dos biliões. 1 vol. |
| 15—2.ª parte—O abandonado. 1 vol. | KERABAN, O CABEÇUDO: | 68—2.ª parte—Distúrbios no Pacífico. 1 vol. |
| 16—3.ª parte—O segredo da ilha. 1 vol. | 43—1.ª parte—De Constantinopla a Scutari.
1 vol. | 69—CLOVIS DARDENTOR. 1 vol. |
| MIGUEL STROGOFF: | 44—2.ª parte—O regresso. 1 vol. | A ESFINGE DOS GELOS: |
| 17—1.ª parte—O correio do Czar. 1 vol. | 45—A ESTRELA DO SUL. 1 vol. | 70—1.ª parte—Viagens aos mares austrais.
1 vol. |
| 18—2.ª parte—A invasão. 1 vol. | 46—OS PIRATAS DO ARQUIPÉLAGO.
1 vol. | 71—2.ª parte—Lutas de marinheiro. 1 vol. |
| O PAÍS DAS PELES: | MATIAS SANDORFF: | 72—A CARTEIRA DO REPÓRTER.
1 vol. |
| 19—1.ª parte—O eclipse de 1880. 1 vol. | 47—1.ª parte—O pombo correio. 1 vol. | O SOBERBO ORENOCO: |
| 20—2.ª parte—A ilha errante. 1 vol. | 48—2.ª parte—Cabo Matifoux. 1 vol. | 73—1.ª parte—O filho do coronel. 1 vol. |
| 21—UMA CIDADE FLUTUANTE. 1 vol. | 49—3.ª parte—O passado e o presente. 1 vol. | 74—2.ª parte—O coronel de Kermor. 1 vol. |
| 22—AS INDIAS NEGRAS. 1 vol. | 50—O NAUFRAGO DO «CYNTHIA».
1 vol. | 75—UM DRAMA NA LIVÓNIA. 1 vol. |
| HEITOR SERVADAC: | 51—O BILHETE DE LOTERIA
N.º 9:672. 1 vol. | 76—OS NAUFRAGOS DO JONATHAN.
1.º vol. |
| 23—1.ª parte—O cataclismo cósmico. 1 vol. | 52—ROBUR, O CONQUISTADOR.
1 vol. | 77—OS NAUFRAGOS DO JONATHAN.
2.º vol. |
| 24—2.ª parte—Os habitantes do cometa.
1 vol. | NORTE CONTRA SUL: | 78—A INVASÃO DO MAR. 1 vol. |
| 25—O DOUTOR OX. 1 vol. | 53—1.ª parte—O ódio de Texar. 1 vol. | 79—O FAROL DO CABO DO MUNDO.
1 vol. |
| UM HERÓI DE QUINZE ANOS: | 54—2.ª parte—Justiça. 1 vol. | |
| 26—1.ª parte—A viagem fatal. 1 vol. | | |
| 27—2.ª parte—Na África. 1 vol. | | |

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND—R. Garrett, 73-75—LISBOA

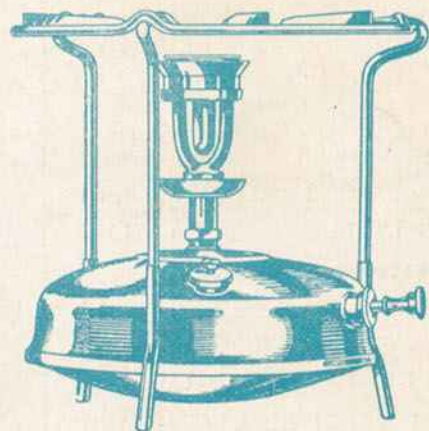


REDUZA AS DESPESAS DOMESTICAS

As donas de casa estão adoptando os económicos fogareiros VACUUM para toda a espécie de cosinhados. Ha fornos para adaptação a estes fogareiros.

Fogareiros VACUUM

FUNCIONAM NA PERFEIÇÃO COM
PETROLEO VACUUM
(Sunflower)



1043

VACUUM OIL COMPANY, INC.